



**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR**

CARLOS ENRIQUE FERREIRA SANTOS

SALVADOR – BA



Ilustração 01: Orixás | Fonte: <http://osdezesseisodus.com.br>

TEMA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR

Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Candomblé em Salvador

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação de Curso
Salvador – BA | 2018.1

Autor: Carlos Enrique Ferreira Santos
Orientador: Prf. Fábio Macedo Velame
Coorientadora: Prfa. Ariadne Moraes Silva



Ilustração: Baiana de Acarajé | Fonte: <http://templodosorixasantoniobaiano.com>

"É dever do Estado preservar e garantir a integridade, a respeitabilidade e a permanência dos valores da religião afro-brasileira".

(BAHIA. Constituição do Estado da, 1989, art. 275)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estudar e me formar com êxito em uma universidade pública com ensino de qualidade. Agradeço a minha falecida Avó, Nilzete Ferreira, pela dedicação e ajuda para que eu trilhasse esse caminho de vitória, a minha Mãe, pelo apoio e incentivo para conquistar meu objetivo, ao meu Pai, a Pat, minha irmã, minha prima, Vó Dilma, Vô Maru, Tia Regi e todos os familiares que contribuíram nessa minha caminhada.

Agradeço, em especial, aos meus amigos do coração: Anderson Fontes, Fernando Neto, Jeferson Filho, Luan Barbosa e Matheus Matos por fazerem parte dessa jornada. Agradeço a AGERBA, Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia, em que trabalhei durante todo o curso de graduação, por ter colocado em minha vida as amigas “Agerbianas”: Juliana Rodrigues, Maiana Galvão e Mary Andrade. Agradeço as minhas amigas, Martinha e Itana, por toda ajuda e colaboração. Agradeço, também, a minha equipe de trabalho: Jessica e Estéfane pela compreensão durante o desenvolvimento desse Trabalho Final

de Graduação e, em especial, a minha chefe e amiga Arq.º Christiane Passos pela ajuda e incentivo para a conclusão do meu trabalho não medindo esforços para que tudo saísse como idealizado. Por fim, agradeço as amigas Claudia Schweikart e Miusha Santos por contribuírem nessa minha jornada e Fernanda Lopes e Suzi Gonçalves por toda a ajuda.

Registro aqui meus agradecimentos a toda equipe de docentes, discentes e funcionários que fizeram parte desse caminho glorioso trilhado em minha vida. Em especial, os meus orientadores Arq.º Fábio Macedo Velame e Arq.º Ariadne Morais Silva, pelas orientações e norte no desenvolvimento do meu trabalho, e as professoras Eng.º Rozana Munoz, Arq.º Elyane Lins e Arq.º Thais Portela e ao Arq.º Edvaldo Mendes Araújo, conhecido popularmente como Zulu Araújo, pela colaboração para o desenvolvimento deste presente trabalho.

Obrigado a todos pela ajuda e incentivo e Obrigado aos Orixás pela inspiração.

“Não ando no breu, nem ando na treva
É por onde eu vou que o santo me leva”
Maria Bethânia — Carta de Amor

SUMÁRIO

PÁG.

08	Introdução
11	Objetivos
15	Justificativa e Metodologia
18	Contextualização
64	Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Candomblé
77	Referências de Projetos
99	O Local
108	As Edificações
131	O Projeto Arquitetônico
190	Referências



INTRODUÇÃO

“Não mexe comigo, que eu não ando só.

Eu não ando só, que eu não ando só.

Não mexe não!”

Maria Bethânia – Carta de Amor



1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho Final de Graduação tem como finalidade destacar a importância da criação do Centro de Documentação e Memória dos Terreiros instituídos na capital baiana. Enfatizando que as preservações de bens materiais e imateriais se justificam como condições à garantia dos direitos universais da população afro-brasileira.

Com ajuda das políticas públicas, o centro será capaz de fortalecer a cultura e salvaguardar as histórias das comunidades de Terreiros e, ao mesmo tempo, divulgar os seus acervos de grande representatividade para a valorização do patrimônio imaterial; valorizando a cultura afro-brasileira difundida em Salvador, além de promover sua diversidade com a preservação e exposição dos registros das manifestações religiosas no segmento do Candomblé.





OBJETIVOS

“Eu tenho Zumbi, Besouro o chefe dos tupis,
Sou tupinambá, tenho os erês, caboclo boiadeiro,
Mãos de cura, morubichabas, cocares, Zarabatanas, curares, flechas e altares.
À velocidade da luz, o escuro da mata escura, o breu o silêncio a espera.”

Maria Bethânia – Carta de Amor



2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Preservar os bens culturais dos Terreiros de Candomblé, instituídos na capital baiana, salvaguardando suas histórias e conquistas.



2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Restaurar e disponibilizar arquivos, documentos pessoais e coletivos do povo de santo, além de fotos das manifestações religiosas do candomblé;
- II. Analisar historicamente o crescimento e as conquistas do candomblé na capital baiana e suas reflexões na Bahia, no Brasil e no mundo;
- III. Promover a reflexão quanto à importância da conservação do patrimônio imaterial e material do candomblé como religião de matriz africana afro-brasileira;
- IV. Promover a preservação da memória do povo de santo de Salvador;
- V. Discutir a intolerância religiosa.



A close-up photograph showing a person's hands, adorned with gold bangles and rings, holding several small, white, shell-like objects. The hands are positioned over a silver tray filled with various pieces of jewelry, including necklaces with blue, red, and white beads, and several gold bangles. The background is a white, textured surface.

JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA

“Eu tenho Jesus, Maria e José, e todos os pajés em minha companhia,
O Menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos, o poeta me contou.

Não mexe comigo, que eu não ando só,

Eu não ando só, que eu não ando só.

Não mexe não!”

Maria Bethânia — Carta de Amor



3. JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA

O presente trabalho busca promover a popularização dos registros documentais - atas de fundação, atas de criação da associação religiosa, solicitação de permissão para bater candomblé na delegacia de jogos e costumes, atas de reuniões, escrituras, contratos de compra e venda, fotografias de festas, líderes religiosos e membros da comunidade - de reuniões, festas e quaisquer manifestações religiosas do candomblé; difundindo a cultura religiosa africana instituída na capital baiana. Buscando, também, combater o racismo estrutural no país e salvaguardar as memórias do povo de santo.

Para tanto, foi realizado um trabalho de campo que privilegiou uma metodologia de observação e análise crítica das rotinas, logística de arquivos de documentos e fotos das manifestações religiosas e da arquitetura dos terreiros de candomblé em Salvador.



Fonte: <http://www.correiodeatibaia.com.br>

CONTEXTUALIZAÇÃO



“Não misturo, não me dobro.

A rainha do mar anda de mãos dadas comigo,

Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim.

É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre meu corpo,

Garante meu sangue, minha garganta.

O veneno do mal não acha passagem

E em meu coração Maria acende sua luz e me aponta o Caminho.”

Maria Bethânia - Carta de Amor



4. CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1 O CANDOMBLÉ

O candomblé é uma religião de matriz africana em que se cultuam divindades africanas vinculadas aos elementos da natureza (orixás, vodum e inquices). Constitui-se a religião africana mais praticada em todo mundo, contabilizando mais de três milhões de seguidores. No Brasil, a designação do candomblé é mais popular no estado da Bahia. Em Pernambuco e Maceió, são chamados de Xangôs, no Maranhão, Casa de Mina.

O candomblé surge em Salvador no final do séc. XVIII, na Barroquinha, se expandindo, consideravelmente, desde o fim da escravatura em 1888 e, notadamente, a partir de 1977, quando deixa de ser folclore e passa a ser religião, estabelecendo seguidores de várias classes sociais e de dezenas de milhares de templos. De acordo com o Centro de Estudos Afro Orientais



da Universidade Federal da Bahia¹, hoje, existem 1.165 terreiros de candomblé registrados na capital baiana.

No Brasil, o candomblé é praticado em várias nações, destacando-se: Jeje, Ketu e Angola. Em conversa com o Pai de Santo Humberto, denominado por ele de Guardião de Orixás, do terreiro de Oxalá, bairro do Santo Antonio além do Carmo, em Salvador, ficou destacado a importância dos elementos da natureza como parte integrante da religião, fato observado também através da leitura da dissertação de Iris da Silva Salles Nascimento, “O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço urbano de Salvador nos séc. XIX e XX”, publicada em 1989 com orientação do antropólogo e prof. Júlio Braga²e coorientação do prof. Marcos Paraguassu³.

1. O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) é um órgão complementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia voltado para o estudo, à pesquisa e ação comunitária na área dos estudos afro-brasileiros e das ações afirmativas em favor das populações afro-descendentes, bem como área dos estudos das línguas e civilizações africanas e asiáticas.

2. Professor da Universidade Federal da Bahia — UFBA e Universidade Estadual de Feira de Santana, Dr. em antropologia, escritor brasileiro e babalorixá.

3. Professor da Universidade Federal da Bahia — UFBA, com grande domínio sobre as religiões de matriz africana.



4.2 TERREIROS E SEUS SIMBOLISMOS:

Os Terreiros são espaços marcantes da expressão africana, sendo visto muitas vezes com preconceito pela população. São inseridos na malha urbana, geralmente, camuflados, escondidos por trás dos “muros”. Assim, para compreensão da constituição desses espaços, não basta encontrá-los nas ruas e nos quintais das casas, mas interpretá-los enquanto aspectos históricos e simbólicos.

Afinal, importante demarcar que nos porões dos Navios Negreiros não vieram apenas escravos, mas também toda uma cultura inserida nas almas dos negros: crenças, tradições e costumes. Assim, vieram os orixás, Deuses africanos que habitaram as Américas.



Os Navios negreiros transportaram através do Atlântico, durante mais de trezentos e cinquenta anos, não apenas o contingente de cativos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizadas no Novo Mundo, como também sua personalidade, a sua maneira de ser de se comportar e suas crenças. (VERGER. ⁴1992.p.23).

Os Orixás⁵, popularmente, são espíritos da natureza cultuados como divindades. Eles detêm o poder de governar aspectos do mundo natural como o trovão, o raio e a fertilidade da terra, como também, guardiões de montanhas, águas e florestas. Estas divindades são a base dos cultos afro-brasileiros. A eles seus filhos de santo fazem suas oferendas, dançam suas músicas e dirigem suas preces. Segundo entendidos, cada pessoa detém um Orixá pai e um Orixá mãe que governa

4. Pierre Verger (1902-1996) foi um fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês. Tornou-se um dos principais antropólogos e historiadores da cultura brasileira, sobretudo a popular, e da ancestralidade africana presente no sangue do brasileiro.

5. Orixá; subs. anjo da guarda , etmo: Ori = Cabeça / Shá = Guardião – Guardião da Cabeça – Divindade elemental da natureza. Figura central do culto afro – Dicionáriorubá (Nagô), Português de autoria de Eduardo Fonseca Junior.



sua cabeça (seu Orí). Nesse contexto, além de representar a natureza, as divindades africanas são possuidoras de temperamentos similares com os da humanidade. Sendo por sua vez bondosos, compreensivos, amigáveis, irritadiços, mal humorados, ciumentos e vingativos.

Os Orixás possuem uma estrutura mitológica rica, assim, sem maniqueísmos, nenhum deles é idealizado como inteiramente bom ou mal. Os Orixás, assim como os seres humanos, também entram em conflito entre si, brigam, fazem intrigas e depois se unem, criam conchavos e reconstróem estruturas.

Em várias fontes de comunicações no Brasil foi observado, predominantemente, o culto a dezesseis Orixás: Oxalá, Iansã, Iemanjá, LogunÉde, Nanã, Xangô, Oxum, Obaluaiê, Oxumaré, Oxossi, Ossaim, Obá, Ewá, Ibeji, Ogum e Exu.





Ilustração 01:Orixás | Fonte: <https://windmillsbyfy.wordpress.com>



O artista Carybé⁶ interpretou os principais Orixás e seus elementos através do desenho, da escultura, do entalhe, da gravura e da aquarela, realizando um estudo iconográfico da cultura afro-religiosa pela qual ficou fascinado. Cada elemento das aquarelas do artista tem um significado associado ao culto afro-brasileiro, desde a cor até os acessórios, os quais o uso está associado a uma determinada divindade africana. Assim, segue abaixo, os dezesseis Orixás na visão artística de Carybé: Oxalá, Iansã, Iemanjá, LogunÉde, Nanã, Xangô, Oxum, Obaluaiê, Oxumaré, Oxossi, Ossaim, Obá, Ewá, Ibeji, Ogum e Exu.

6. Hector Julio Paride Carybé, conhecido popularmente e artisticamente como Carybé, foi um importante artista plástico (pintor, gravador, escultor, ceramista, ilustrador e desenhista) argentino, naturalizado brasileiro. Apaixonado pela Bahia, Carybé tornou-se conhecido por suas obras que valorizavam a cultura baiana, os rituais afro-brasileiros, a capoeira, as belezas naturais e arquitetônicas da Bahia.





Oxalá



Iansã



Iemanjá



Logun-Éde



Nanã



Xangô



Oxum



Obaluaiê





Oxumaré



Oxossi



Ossaim



Obá



Ewá



Ibeji



Ogum



Exu



- I. Oxalá: Deus da criação, sincretizado no catolicismo como Jesus Cristo. Seus seguidores vestem-se de branco às sextas-feiras e ele é sempre o último a ser louvado durante as cerimônias religiosas afro-brasileiras, sendo assim reverenciado pelos demais Orixás. Como criador, ele modelou os primeiros seres humanos. Quando se revela no transe, apresenta-se de duas formas: o velho Oxalufã, cansado e encurvado, movendo-se vagarosamente, quase incapaz de dançar; o jovem Oxaguiã, dançando rápido como o guerreiro. Por ter inventado o pilão para preparar o inhame como seu prato favorito, Oxaguiã é considerado o criador da cultura material.

- II. Iansã: deusa dos raios, dos ventos e das tempestades. É a esposa de Xangô que o acompanha na guerra. Orixá guerreira que leva a alma dos mortos ao outro mundo, sincretizada no catolicismo como Santa Bárbara.



- III. Iemanjá: deusa dos mares, dos oceanos. Cultuada no Brasil como mãe de muitos Orixás e sincretizada no catolicismo como Nossa Senhora dos Navegantes. Frequentemente representada por uma sereia, sua estátua pode ser vista em quase todas as cidades ao longo da costa brasileira. Ela é a grande mãe, dos Orixás e do Brasil, a quem protege como padroeira, sendo igualmente comparada a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

- IV. LogunEde: o caçador, que é filho de Oxum e Oxossi, tem como representação no catolicismo o poderoso Santo Expedito. Ele herdou o jeito meigo e a graça de Oxum e a felicidade e o espírito caçador de Oxossi, portanto, apresenta em suas características expressões femininas e masculinas, o que faz aparecer em algumas representações do Candomblé como uma figura jovem.



- V. Nanã: rainha da lama, da qual se originou todo ser humano, esta Orixá é uma das mais respeitadas e também uma das mais temidas. Nanã é responsável pelo portal entre a vida e a morte, pois ela limpa a mente dos espíritos desencarnados para que eles possam se livrar do peso que sofreram em sua jornada, reencarnando sem os rastros da vida anterior. Por isso quando envelhecemos, ao decorrer dos anos, começamos a perder nossa memória. É Sincretizada no catolicismo como Santa Ana. Os filhos de Nanã são: Iroko, Obaluaiê, Oxumaré, Ossaim, e Ewá.
- VI. Xangô: Deus do trovão e da justiça. É sincretizado no catolicismo como São Jerônimo e, em alguns lugares, como São João. Xangô teve várias esposas sendo as mais conhecidas: Iansã, Oxum e Obá. É um Orixá viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. A morte pelo raio é considerada uma punição do senhor da justiça. Da mesma maneira, uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela



cólera de Xangô. Este, considerado o rei de todo o povo yorubá, sendo o único Orixá que exerce poder sobre os mortos.

- VII. Oxum: deusa da água doce, dos rios, das cachoeiras, do ouro, da fertilidade e do amor. É sincretizada no catolicismo com Nossa Senhora das Candeias e Nossa Senhora da Conceição. Senhora da vaidade, ela foi há esposa favorita de Xangô. Através de mãe Oxum, os fiéis buscam auxílio para a solução de problemas no amor, visto que, é o Orixá responsável pelas uniões. Oxum é símbolo da sensibilidade e, muitas vezes, derrama lágrimas durante incorporação em alguns médiuns, característica que se transfere a seus filhos.

As oferendas dedicadas a Oxum são servidas principalmente nas cachoeiras e rios e em alguns casos próximo as fontes de águas minerais.



- VIII. Obaluaiê: Deus da varíola, das pragas e doenças. É relacionado com todo o tipo de mal físico e suas curas; sendo considerado o grande Orixá da medicina, que cuida dos doentes. Obaluaiê é associado aos cemitérios, solos e subsolos. Sincretizado no catolicismo como São Lázaro e São Roque.
- IX. Oxumaré: é a cobra e arco-íris, sendo Orixá masculino e símbolo da comunidade e da permanência. Representa a riqueza e a fortuna. Rege o princípio da multiplicidade da vida, sendo o transcurso de múltiplos e variados destinos. Pode ser representado pela serpente que morde a própria cauda, simbolizando o início e fim de um ciclo. Por isso, seus filhos usam colares de búzios entrelaçados formando as escamas de uma serpente que tem o nome de Brajá. Ele é o senhor de tudo que é alongado. Sincretizado no catolicismo como São Bartolomeu.



- X. Oxossi: sincretizado no catolicismo como São Jorge e São Sebastião, Oxossi é o Orixá da fartura e o rei das matas. A lenda mais comum sobre este Orixá fala que um grande pássaro mandado pelas irmãs feiticeiras, Lá Mi Oxorongá, estava prestes a destruir a cidade de Ifé, depois de vários caçadores tentarem destruir o pássaro, mas sem êxito, restou a Oxossi esta ação. A mãe de Oxossi, lemu, preocupada com o Filho, procurou um Babalaô e sacrificou uma galinha, neste momento, Oxossi acerta e abate o enorme pássaro com uma única flecha; como recompensa, Oxossi recebeu honrarias e metade das riquezas do reino.
- XI. Ossaim: é o Orixá das ervas medicinais e litúrgicas detentor do axé das folhas que nem mesmo os Orixás podem privar-se e devem a ele referenciar. Sua importância é mais primordial no culto umbandista do que no culto de Terreiros de Candomblé, sobretudo, nenhuma cerimônia pode ser realizada sem sua interferência e assistência. Ossaim traz a



influencia das folhas para as operações da adivinhação e cura de doenças. Sincretizado no catolicismo como São Benedito.

- XII. Obá: é a Orixá do Rio Obá ou rio Niger, sendo a primeira esposa de Xangô. Obá representa as águas revoltas dos rios. As pororocas⁷, as águas fortes, o lugar das quedas são considerados, também, domínios de Obá. Ela também controla o barro, água parada, lama, lodo e as enchentes. É a Orixá que trabalha juntamente com Nanã. Representa também, o aspecto masculino das mulheres (fisicamente) e a transformação dos alimentos crus em cozidos. Sincretizada no catolicismo como Santa Rita de Cássia.
- XIII. Ewá: é a Orixá do rio Yewa, que fica na antiga tribo Egbado (atual cidade de Yewa) no estado de Ogun na Nigéria. Ewá domina a vidência, atributo que o Deus de todos os

7. Paroroca chamada também de macaréu ou mupororoca é a forma como são denominados os macaréis que ocorrem na Amazônia. Trata-se de um fenômeno natural produzido pelo encontro das correntes fluviais com as águas oceânicas.



oráculos concedeu-lhe, por está razão, é sincretizada no catolicismo como Santa Luiza, a protetora dos olhos.

- XIV. Ibeji: são divindades gêmeas da vida, protetores dos gêmeos na mitologia Yoruba, identificados no jogo de búzios. A palavra Ibeji (Erês) quer dizer gêmeos; forma-se a partir de duas entidades distintas que coexistem, respeitando o princípio básico da dualidade. Sincretizado no catolicismo como Cosme e Damião.
- XV. Ogum: Deus da guerra, do ferro, da metalurgia e da tecnologia. Sincretizado no catolicismo como Santo Antônio e São Jorge. É o Orixá que tem o poder de abrir os caminhos, facilitando viagens e progressos na vida. Para Ogum são designadas, como espaço, as estradas. Segundo a mitologia, Ogum estava Apaixonado por sua mãe Lemu, conhecida como Yemanjá, e tentou várias vezes violá-la, um dia, seu pai Obatalá o surpreende e, antes de ser castigado pelo pai, Ogum escolheu sua própria punição, o exílio.



“Enquanto o mundo fosse mundo, Ogum não descansará nem dia nem noite. As estradas seriam sua morada. Para sempre andaria por elas, ajudando os viajeros que se perdem nos caminhos e deles recebendo oferendas para sobreviver.”
(PRANDI⁸, 2001, p. 100)

XVI. Exu: Deus mensageiro, muitas vezes, tido como trapaceiro. É chamado de Mensageiro, promove a comunicação dos homens com seu Orixá. É ele quem recebe as oferendas e as leva ao Orixá a quem são destinadas. Contudo, é a Exu a quem se deve primeiro fazer a Oferenda. Exu, em muitos terreiros, não é considerado um Orixá e sim apenas mensageiro. É Exu quem controla as encruzilhadas e a porta da de entrada das casas. É sincretizado como o Diabo católico e possui como símbolos o ogó (porrete fálico) e o tridente de ferro.

8. Reginaldo Prandi, graduado em ciências sociais, especialista em demografia, mestre e doutor em sociologia. Aposentado, em 2005, como professor titular do Departamento de Sociologia da USP, é atualmente professor sênior do mesmo departamento e pesquisador 1A do CNPq. Trabalha na área de sociologia, com ênfase em sociologia da religião, atuando principalmente nos seguintes temas: religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda), catolicismo, espiritismo e pentecostalismo.



4.2.1 O ESPAÇO FÍSICO DO TERREIRO

Os espaços físicos dos terreiros devem manter harmonia com o espaço mágico-espiritual, logo, o espaço deve assegurar a sustentação da crença e cultos aos Orixás. Abaixo, seguem os elementos simbólicos que compõem esses espaços, conforme visita nos principais terreiros da cidade - Pilão de Prata, Ilé Axé OpôAfonja, IlélyáOmiÀselyamasé – Terreiro do Gantois e Casa de Òsumàrè.

- I. Casa do Exu: é uma casinhola⁹ de alvenaria, quadrada, com aproximadamente quarenta centímetros de lado na base e um metro de altura. Fica na entrada do Templo e dela o Guardião da porta vigia os que entram e saem.
- II. Barracão.
- III. Cruzeiro das Almas: é uma cruz com cerca de dois metros de altura.

9. Casinhola é uma casa pequena e pobre.



- IV. Sanitários e vestiários: reservados aos médiuns do Templo.
- V. Cozinha: para o preparo de pequenas refeições.
- VI. Depósito de material.
- VII. Sala de reuniões, administrativas, e palestras doutrinárias.
- VIII. O Peji (altar).
- IX. Sanitário para o público.
- X. Bandeira Branca – Presente em casas de Angola: representa o período em que os povos Bantu eram nômades.
- XI. Palha da Costa: usada para iniciação - feitura de santo - no sentido de proteger a vulnerabilidade dos neófitos¹⁰. Usada também para a produção dos Ikan, popularmente chamados de “contra-egun” pelos leigos e alguns membros do povo de santo.

10. Pagão recém-convertido ao cristianismo; cristão-novo; pessoa que vai receber o batismo ou recentemente batizada.





Ilustração 02:Palha da Costa | Fonte: <http://ramondeomolu.net>



Ilustração 03:Bandeira Branca - Ilé Axé OpôAfonja | Fonte: Arquivo Pessoal





Ilustração 04: Casa do Exu | Fonte: <https://br.pinterest.com>



4.2.2 OS TERREIROS NA CAPITAL BAIANA

Hoje, na capital baiana, existem diversos terreiros distribuídos na cidade, assim, o Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia possui em seus registros 1.165 (mil cento e sessenta e cinco) terreiros de candomblé difundidos na capital baiana. Abaixo, seguem um resumo sobre os principais Terreiros instalados na cidade de Salvador, onde foi realizado

trabalho de campo que privilegiou uma metodologia de observação e análise das rotinas, logísticas de arquivamento de documentos - atas de fundação, atas de criação da associação religiosa, solicitação de permissão para bater candomblé na delegacia de jogos e costumes, atas de reuniões; escrituras, contratos de compra e venda, fotografias de festas, líderes religiosos e membros da comunidade - e do espaço físico, interno e externo, e suas simbologias, presente em todo território.

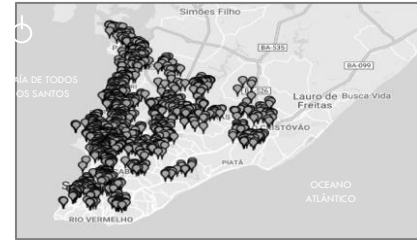


Ilustração 05: Mapa dos Terreiros de Candomblé em Salvador Fonte: <http://www.terreiros.ceao.ufba.br>



MAPEAMENTOS DAS PRINCIPAIS NAÇÕES – JÊJE, KETU E ANGOLA
DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR - 2018



Ilustração 06: Nação Jêje

Fonte: <http://www.terreiros.ceao.ufba.br>



Ilustração 07: Nação Ketu

Fonte: <http://www.terreiros.ceao.ufba.br>



Ilustração 08: Nação Angola

Fonte: <http://www.terreiros.ceao.ufba.br>



I. Pilão de Prata

- O Terreiro Pilão de Prata, Ilê Odô Ogê, fundado em 1961, é dedicada ao orixá Oxaguiã (Oxalá), preservando também o culto a Xangô. Além disso, é uma casa identificada com o culto a Oxum.
- O Terreiro Pilão de Prata ocupa, aproximadamente, uma área de 12 mil metros quadrados, situado no bairro da Boca do Rio. É um terreiro conhecido pela beleza e luxo em suas instalações, possuindo imagens de Orixás em Prata e Bronze, fixados nas paredes externa da casa principal que dá acesso ao salão externo.
- Nação: Ketu.
- Tombamento: Em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC.
- Não possui local adequado para o arquivamento dos documentos, de forma geral, impossibilitando, também, a sua disponibilização para o público.



- Localização: Estrada do Curralinho, Alto do Caxundê –98, Boca do Rio, Salvador–BA.



Ilustração 09: Acesso Salão Principal

Fonte: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br>



Ilustração 10: Pátio

Fonte: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br>



II. Ilé Axé OpôAfonja

- O Terreiro Ilé Axé OpôAfonja foi fundado por Mãe Aninha, que comandou o terreiro até 1938, quando veio a falecer. Ainda no período de seu comando, foi criado dentro do terreiro a Sociedade Civil da Santa Cruz com o intuito de manter o trabalho do Axé e representá-lo civilmente. Com a morte de Mãe Aninha, foi Mãe Senhora quem assumiu o comando do terreiro, seguida por Mãe Ondina até o seu falecimento, dando o comando para Mãe Stella de Oxossi, que comanda o terreiro desde 1976 até os dias de hoje.
- O terreiro tem espaço físico construído simples, com bastante área aberta e vegetação.
- Nação: Nagô com candomblé praticado a Xangô de rito Ketu, possuindo descendência lorubá, oriundo da região da Nigéria, Benin e Togo.
- Tombamento: Em 2000 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.



- Não possui local para o arquivamento adequado de seus arquivos e não disponibiliza espaço para a divulgação dos mesmos.
- Localização: Rua de São Gonçalo, São Gonçalo do Retiro, Salvador – BA.



Ilustração 11: Pátio

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/agecombahia>



Ilustração 12: Pátio

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/agecombahia>



III. IlélyáOmiÀselyamasé – Terreiro do Gantois

- O Terreiro Ilélyá Omi Àselyamasé, conhecido popularmente como Terreiro do Gantois, foi fundado em 1849, pela Mãe africana Maria Júlia da Conceição Nazareth. O presente santuário preserva os costumes e os legados milenares dos povos lorubás (Abeokutá), preservando o culto aos Orixás, seguindo a tradição matriarcal, onde as dirigentes são sempre do sexo feminino obedecendo aos critérios de hereditariedade e consanguinidade.
- O Terreiro do Gantois tornou-se uma unidade de preservação e perpetuação da memória e tradição da cultura da Bahia e do Brasil. Por esse motivo, foi considerado área de Proteção Cultural e Paisagística, pela Prefeitura Municipal de Salvador, sendo tombado pelo IPHAN como Patrimônio Histórico e Etnográfico do Brasil.
- O Terreiro possui construções de usos religiosos e sociais com espaços para festejos, assentamentos das divindades, etc. Possui uma boa área externa onde a natureza se faz presente para a fundamentação e expressão dos sagrados eventos e manifestações; possui, também, uma área



doméstica para convívios de filhos de santos que ali residem, e uma boa área externa que se comunica com a comunidade presente no entorno.

- Nação: Keto.
- Tombamento: Em 2002 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.
- Não possui local adequado para o arquivo de documentos, de forma geral, impossibilitando assim a disponibilização para o público.
- Localização: Alto do Gantois, Rua Mãe Menininha do Gantois, Federação, Salvador – BA.





Ilustração 13: Pátio

Fonte: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br>



Ilustração 14: Salão

Fonte: <http://www.terreirosantabajunsara.com.br>



IV. Casa de Òsùmàrè

- Casa de Òsùmàrè iniciou-se os trabalhos no início do século XIX, marcada pela luta e resistência de africanos escravizados. O espaço do Terreiro é dedicado à religiosidade e a manutenção da cultura religiosa africana no Brasil.
- O Terreiro ficou por muito tempo sendo comandado pelo Bàbá Salako, com sua morte passaram a intensificar as perseguições à Casa de Òsùmàrè, o que levou a prisão de seus filhos de santo, sendo a gestão do Bàbá Antônio, sucessor do Bàbá Salako, marcada por uma forte resistência e luta contra as perseguições políticas e policiais da época.
- O Terreiro Casa de Òsùmàrè ocupa uma área enorme que abrange os bairros da Vasco da Gama e Federação, sendo suas edificações distribuídas no decorrer da topografia do terreno. É um terreiro conhecido pela beleza e grande espaço construído para o culto aos Orixás. Suas instalações possuem muitas simbologias da religião do candomblé que fazem referência aos Orixás, destacando-se pelas festas luxuosas de grande magnitude e visibilidade no meio.



- A casa foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como território cultural afro-brasileiro e, posteriormente, sendo registrada em livro de tomo do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, como Patrimônio Material e Imaterial do Estado da Bahia. Finalmente foi inscrita nos livros de Tombo Histórico e no Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, como Patrimônio Nacional do Brasil.
- Hoje, além de desenvolver atividades religiosas, a Casa de Ôsumàrè é ativamente engajada em projetos sociais e culturais, sendo atuante na luta contra o preconceito e a intolerância religiosa no Brasil.
- Nação: Angola.
- Tombamento: Em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC.
- O Terreiro não dispõe de local apropriado para o arquivamento e disponibilização de seus arquivos.
- Localização: Av. Vasco da Gama, 343, Federação, Salvador – BA.





Ilustração 15: Pátio

Fonte: <http://www.casadeoxumare.com.br>



Ilustração 16: Salão

Fonte: <http://www.casadeoxumare.com.br>



4.2.3 MUSEUS AFROS BRASILEIROS NA CAPITAL BAIANA

Existem poucos museus na capital baiana destinados à difusão da cultura afro brasileira. Abaixo, seguem um resumo, sucinto, dos museus de preservação da cultura afro-brasileira difundida na cidade de salvador. Neles, foi desenvolvida uma pesquisa que buscou observar suas rotinas, gestão administrativa, arquivamentos de documentos (atas de fundação; atas de criação da associação religiosa, solicitação de permissão para bater candomblé na delegacia de jogos e costumes, atas de reuniões, escrituras, contratos de compra e venda, fotografias de festas, líderes religiosos e membros da comunidade) e disponibilização desses documentos, além de sua arquitetura.



I. Memorial das Baianas:

- O memorial das baianas de acarajé é um espaço aberto ao público, tendo sido criado para fornecer informações, destacar a valorização do lugar social da mulher afro descendente e o seu saber tradicional na arte de fazer acarajé – alimento sagrado dos terreiros de candomblé, além da importância da participação das baianas nas emblemáticas festas de largo da cidade de São Salvador.
- Não possui local apropriado para o arquivamento de documentos e atas de reuniões e criação do seu memorial.
- Administrativamente, se mantém com a contribuição anual das Baianas cadastradas e com o turismo e visitação do local.
- Localização: Cruz Caída, Praça da Sé, Pelourinho, Salvador – Bahia.
- Horário de visitação aberto ao público: 10:00 às 16:00.





Ilustração 17: Salão
Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 18: Salão
Fonte: Arquivo Pessoal



II. Casa do Benin:

- A Casa do Benin, fundada em 1988, é um dos principais centros de cultura africana do Estado e costuma receber exposições temporárias de artistas locais e vinculados à Fundação Gregório de Matos.
- O museu possui uma fachada colonial e no seu interior conta com área para exposições, biblioteca, pequeno auditório e restaurante, além de ser totalmente informatizado. A intenção do museu é integrar e preservar os laços existentes entre Bahia e Benin. Em 2014, a Casa do Benin passou por uma reforma promovida pela Prefeitura Municipal de Salvador, por meio da Fundação Gregório de Matos, sendo projetado pela arquiteta italiana Lina Bo Bardi.
- Não possui ambiente para divulgação dos documentos, de forma geral, dos Terreiros de Candomblé distribuídos na capital baiana.



- Localização: Baixa dos Sapateiros, n°.7, Pelourinho, Salvador – BA.
- Horário de visitação aberto ao público: 09:00 às 17:00.

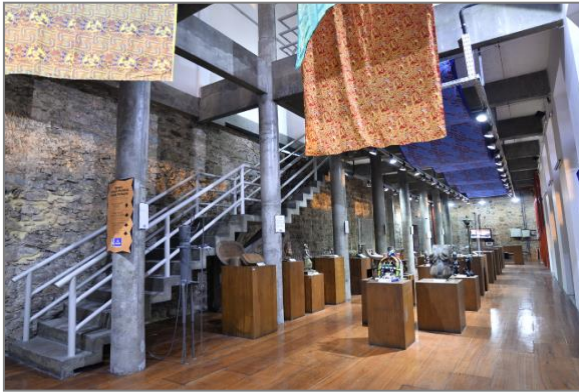


Ilustração 19: Salão
Fonte:Arquivo Pessoal

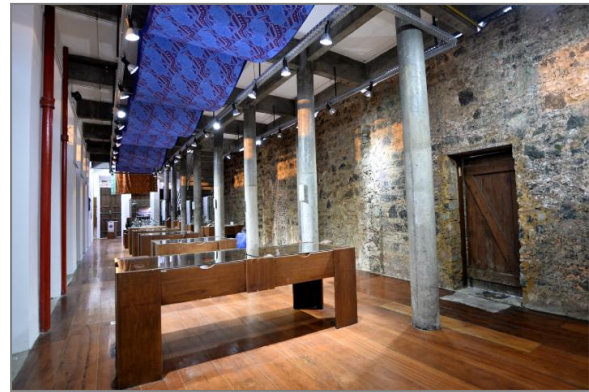


Ilustração 20: Salão
Fonte:Arquivo Pessoal



III. AMAFRO - Museu Afro-Brasileiro:

- AMAFRO - Sociedade Amigos da Cultura afro-brasileira é uma associação fundada em 2002 com o objetivo de potencializar o ensino, pesquisa, o desenvolvimento técnico, científico e institucional, intercâmbio e demais ações voltadas à recuperação e preservação do patrimônio, da memória e da cultura afro-brasileira, com ênfase no campo da antropologia, etnografia, museologia, história, artes e outras atividades afins, cujo principal projeto é a instalação na Bahia do Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira.
- AMAFRO é uma fundação consorciada ao projeto de museu, foi referendada por manifestação de personalidades do cenário cultural brasileiro em parceria com o Ministério da Cultura, contando com o apoio de expoentes da cultura afro-brasileira, inclusive lideranças religiosas do candomblé e movimentos da música afro, além de dirigentes de instituições afro descendentes, governo Estadual e Federal e a Universidade Federal da Bahia.



- A estrutura física do AMAFRO/MUNCAB – Museu Nacional de Cultura Afro brasileira – não se encontra pronta e tem previsão para a conclusão em dezembro de 2018.
- Em seu planejamento não dispõe de ambiente para divulgação e recuperação de arquivos dos Terreiros de Candomblé da Bahia.
- Localização: Rua do Tesouro, n°. 61-127, Centro Antigo, Salvador – BA.

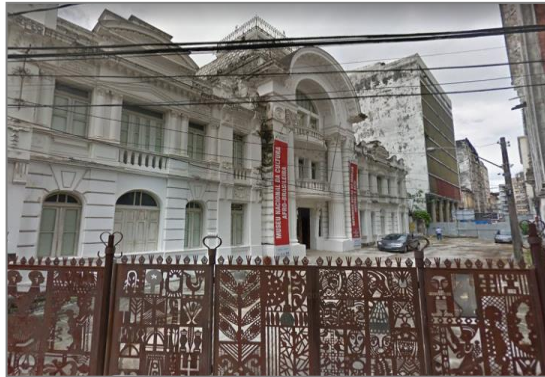


Ilustração 21: Fachada

Fonte: Arquivo Pessoal



IV. Centro de Cultural Casa de Angola na Bahia

- A Casa de Angola na Bahia, fundada em 1999, é uma iniciativa da embaixada de Angola no Brasil em parceria com o Governo do Estado da Bahia, Prefeitura Municipal de Salvador e Organizações Odebrecht.
- O centro possui o objetivo de consolidar os laços entre o Brasil e Angola, possibilitando à comunidade baiana acesso à cultura angolana e africana em geral. Firmando-se como centro de referência nacional e internacional, reconhecido pela qualidade da sua atuação junto aos países envolvidos e pelo impacto dos seus projetos sociais, culturais e educativos para o Brasil e Angola, tornando-se assim uma legítima casa de cultura africana.
- O centro não possui acervo documental dos Terreiros instituídos na cidade de Salvador.
- Localização: Praça dos Veteranos, Nazaré, Salvador, Bahia.
- Horário de visitação aberto ao público: 10:00 às 16:00 (com agendamento).





Ilustração 22: Fachada
Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 23: Fachada
Fonte: <https://globoplay.globo.com>



4.2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todos os Terreiros e Museus estudados como atividade de campo, foi observado que os arquivos, documentos e fotos das manifestações religiosas e memória da arquitetura edificada desses locais estão arquivados em pastas sem estrutura adequada e instalações que não possibilitam a correta conservação e possível restauração desses acervos.

Em muitos casos, devido ao arquivamento incorreto desses registros, muitos se encontram danificados, necessitando de recuperação e futuramente de digitalização, para salvaguardar essas memórias e suas respectivas exposições e disponibilizações nas redes. Abaixo segue o mapeamento dos terreiros e Museus estudados. Tal mapeamento foi concebido para dar dimensão da forte presença dessas edificações no contexto da religião de matriz africana: o Candomblé. Importante destacar que os terreiros estão tradicionalmente localizados em bairros populares que possuem predominância da população negra.



MAPEAMENTOS DOS TERREIROS E MUSEUS PESQUISADOS



Ilustração 24: Mapeamento

Fonte: Google Maps | Edição: Arquivo Pessoal



<https://www.correio24horas.com.br>

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DOS
TERREIROS EM SALVADOR**



“Me sumo no vento, cavalgo no raio de lansã, giro o mundo, viro, reviro.

Tô no recôncavo, tô em Fez.

Voo entre as estrelas, brinco de ser uma, traço o cruzeiro do

sul com a tocha da fogueira de João menino, rezo com as

três Marias, vou além, me recolho no esplendor das

nebulosas, descanso nos vales, montanhas, durmo na forja

de Ogum, mergulho no calor da lava dos vulcões, corpo vivo de Xangô.”

Maria Bethânia — Carta de amor.



5. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DOS TERREIROS

5.1 INTRODUÇÃO

O Centro de Documentação e Memória, ao longo de sua história, é constituído por importantes conjuntos da documentação produzida, recebida e guardada pelos Terreiros de Candomblé da cidade de Salvador, dialogando diretamente com inúmeros terreiros das diversas matrizes, comprovados com o mapeamento realizado pelo Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia, que registrou 1.165 terreiros de candomblé em Salvador, atualizados no fim de 2017. Tal registro demonstrou uma nova política de respeito e valorização daqueles que efetivamente contribuem com a história e cultura de Salvador. O presente Centro deverá receber alunos de escolas públicas e privadas para o ensino da cultura afro-brasileira, apoiada pela Lei 10.639/2003, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Nesse contexto, será criada



uma rede itinerante sobre a cultura e religião do candomblé, valorizando e difundindo sua história que são preservadas na memória do povo de santo, ao serem difundidas através de histórias contadas oralmente por um povo militante e resistente da religião de matriz africana mais praticada no Brasil – o Candomblé. Haja vista que existem 1.393 escolas na capital baiana, segundo o censo escolar de 2017, será criado cópia do material documental e áudio visual para serem apresentados nessas escolas e campos de projeto pedagógico das mesmas.

5.1 O PROGRAMA

O Centro de Documentação e Memória dos Terreiros possuirá o seguinte programa: Memorial Mãe Stella de Oxossi; Memorial Digital dos Terreiros; Sala de Conferência; Sala de Consulta de Acervo; Sala Administrativa; Sala de Tratamento de Documentos; Sala de Pesquisa; Sala de Difusão de



Cultura; Sala de Arquivo; Depósito e Copa. Assim, tais espaços serão divididos em dois grandes setores: Setor Memorial e Setor Administrativo.

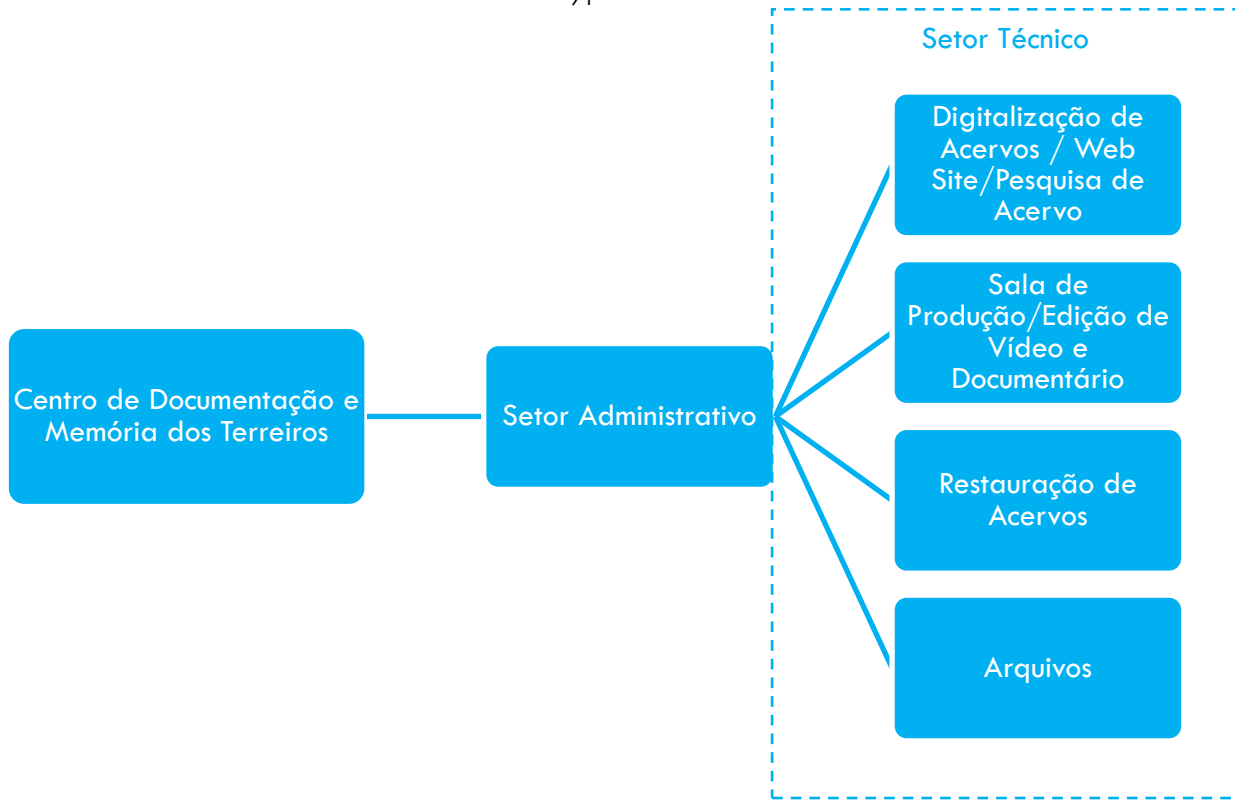
SETORIZAÇÃO



5.1 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A estrutura organizacional do Centro de Documentação e Memória dos Terreiros deve refletir suas funções flexíveis para expor o acervo documental. Como proposta de estrutura organizacional, que contempla as primordiais funções de um centro referente ao acervo e a elaboração de referências e alguns serviços adicionais, temos uma subdivisão em quatro áreas técnicas por função e não por tipo de acervo, e uma área administrativa que conecta e coordena essas subdivisões. Em organizações mais complexas elas poderão ainda estar subdivididas conforme a natureza do acervo.





- I. Setor Administrativo: é responsável pelo apoio administrativo ao Centro no exercício de suas competências. De acordo com o grau de autonomia administrativa e jurídica, poderá ter atividades simples ou complexas.

- II. Digitalização de Acervos/Web Site/ Pesquisa de Acervo: é responsável pela disponibilização dos acervos ao público, através de web site, pela digitalização dos arquivos, pelo atendimento ao público, pela divulgação do Centro e das memórias do Terreiro e pelo levantamento dos Terreiros instituídos na Bahia, pela separação dos arquivos a serem recuperados e digitalizados.

- III. Sala de Produção/ Edição de Vídeo e Documentário: é responsável pela produção de vídeo e edição de documentários realizados no Centro para a preservação e salvaguarda das histórias oral do povo de santo.



- IV. Restauração de Acervo: é responsável pelo tratamento documental do acervo arquivístico, bibliográfico e hemerográfico¹¹; e também pela restauração e conservação física do acervo.

- V. Arquivo: é responsável pelo arquivamento adequado dos documentos e fotos das manifestações religiosas e memória da arquitetura edificada desses locais.

11. Catálogo de jornais e outras publicações periódicas.



5.2 QUADRO DE PESSOAL

Para o desenvolvimento das atividades, faz-se necessário uma equipe técnica, a qual não só estará encarregada de executar as atividades previstas de cada departamento, mas também de materializar uma rotina de serviços, às comunidades do povo de santo, a fim de ampliar o acervo e salvaguardar as memórias dos terreiros. Dessa forma, deverá possuir uma equipe especializada na conservação da documentação, atuando nas áreas de limpeza, indexação, adequação e conservação de acervo.

5.1 MOBILIÁRIO

Além das instalações, a implantação do Centro de Documentação e Memória dos Terreiros está condicionada à aquisição de mobiliário e equipamentos que lhe permitam desenvolver as atividades de constituição e tratamento do acervo, além do atendimento às comunidades de terreiros.



5.2 ACERVO

O acervo será formado por documentações e registros dos Terreiros de Candomblé instituídos na capital baiana que queiram salvaguardar suas histórias das comunidades de Terreiros e ao mesmo tempo divulgar os seus acervos. Podem ser destacados no acervo os seguintes documentos: atas de fundação, atas de criação da associação religiosa, solicitação de permissão para bater candomblé na delegacia de jogos e costumes, atas de reuniões, escrituras, contratos de compra e venda, fotografias de festas, líderes religiosos e membros da comunidade, correspondências, jornais, revistas e artigos tendo o Terreiro como tema e plantas arquitetônicas dos espaços físicos dos Terreiros. Tais documentos referentes à organização de cada terreiro e seu processo de resistência como uma religião/cultura afro-brasileira, permitem conhecer o relevante papel dos Terreiros de Candomblé como religião e cultura afro instituídos na capital do estado da Bahia.



5.3 INFRAESTRUTURA

As instalações do Centro estão diretamente relacionadas às funções que este desenvolve e aos recursos de que dispõe. De acordo com essas funções, foram determinados o mobiliário e os equipamentos a serem adquiridos. Sendo assim, o arquivo irá dispor de instalações que possibilitem a correta conservação e disponibilização para a comunidade do seu acervo.

5.4 EQUIPAMENTOS

Quanto aos equipamentos, serão adquiridos os indispensáveis para a higienização e conservação do acervo, para a criação de instrumentos de pesquisa em bancos de dados eletrônicos e para consulta a documentos em suportes especiais, ao exemplo de acessórios manuais, copiadora e digitalizadora de documentos.



5.5 EXEQUILIBILIDADE

O Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Candomblé de Salvador será financiado pelo Governo Federal e poderá ter parceria do Governo Estadual e empresas privadas nacionais e internacionais, conforme estabelecido na Convenção para a salvaguarda do “Patrimônio Cultural Imaterial” realizado na cidade de Paris, em 17 de outubro de 2003.

Para assegurar a salvaguarda, o desenvolvimento e a valorização do patrimônio cultural imaterial presente em seu território, cada

Estado Parte ¹²empreenderá esforços para:[...]

d) adotar as medidas de ordem jurídica, técnica, administrativa e financeira adequadas para:

- i) favorecer a criação ou o fortalecimento de instituições de formação em gestão do patrimônio cultural imaterial, bem como a transmissão desse patrimônio nos foros e lugares destinados à sua manifestação e expressão;
- ii) garantir o acesso ao patrimônio cultural imaterial, respeitando ao mesmo tempo os costumes que regem o acesso a determinados aspectos do referido patrimônio;
- iii) criar instituições de documentação sobre o patrimônio cultural imaterial e facilitar o acesso a elas.

(França, Paris. Convenção para a salvaguarda do Patrimônio cultural imaterial, 17 de outubro de 2003).

¹² Brasil e Países que se comprometeram na salvaguarda do “Patrimônio Cultural Imaterial” de seus territórios.



REFERÊNCIAS DO PROJETO ARQUITETÔNICO

“Não ando no breu, nem ando na treva
Não ando no breu, nem ando na treva
É por onde eu vou, que o santo me leva
É por onde eu vou, que o santo me leva.”

Maria Bethânia — Carta de Amor



6. REFERÊNCIAS DO PROJETO ARQUITETÔNICO

6.1 ARQUIVO EDGARD LEUENROTH – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA SOCIAL

- I. O Arquivo Edgard Leuenroth, fundado em 1974, iniciou suas atividades com a chegada da coleção de documentos impressos e reunidos por Edgard Leuenroth¹³. Ao longo de sua história, o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) vem cumprindo com os seus objetivos de atender a demanda acadêmica e preservar registros históricos da sociedade.

- II. Além dos suportes documentais tradicionais, disponibiliza coleções em filmes (microformas), reproduzidas de arquivos e bibliotecas de instituições brasileiras, norte-americanas e europeias. Devido a grande demanda de acervo, foi investido, além da qualificação técnica dos profissionais, aquisição de leitoras digitalizadoras.

13. Pensador anarquista, militante das causas operárias, linotipista (operador de máquina de tipografia), arquivista e jornalista por ofício e paixão.



- III. Localização: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Distrito de Barão Geraldo, Campinas – SP.



Ilustração 25: Fachada

Fonte: <https://jornaldopora0.wordpress.com>



Ilustração 26: Fachada e Área Externa

Fonte: <http://correio.rac.com.br>



6.2 MUSEU DA MARÉ

- I. O Museu da Maré é um museu social criado por um grupo de jovens moradores integrantes do CEASM – Centro de Ações Solidárias da Maré, com o propósito de criar uma autorrepresentação da favela da Maré, fortalecendo uma imagem positiva da favela e a autoestima de seus moradores.
- II. O museu foi inaugurado em 2006, com a ilustre presença do antigo Ministro da Cultura Gilberto Gil, e passou a representar um exemplo de uma nova experiência de museu voltado para a inclusão cultural e social das populações marginalizadas no espaço urbano.
- III. O museu é considerado singular e único no sentido de apresentar a história do Rio de Janeiro do ponto de vista da zona norte e das favelas da periferia.
- IV. O seu acervo foi composto a partir da doação dos moradores, ou seja, trazendo a realidade e vivência de quem convive nas favelas e o seu projeto expográfico foi projetado como em



permanente transformação, logo, como a própria arquitetura da favela: lugar dinâmico de alterações e mudança, no sentido de abrigar, cada vez mais, moradores no seu interior.

V. Localização: Rua Guilherme Maxwel, nº. 26, Rio de Janeiro – RJ.



Ilustração 27: Fachada

Fonte: <http://www.museusdorio.com.br>



Ilustração 28: A mostra

Fonte: <http://biblioo.info/museu-da-mare-resiste>



6.3 ACERVO DA LAJE

- I. O Acervo da Laje é uma iniciativa do mestre em psicologia, pedagogo e pesquisador cultural, José Eduardo, que reúne uma extensa biblioteca e várias peças criadas por artistas do Subúrbio Ferroviário de Salvador.
- II. O seu acervo possui pinturas, imagens, esculturas feitas com palha, cerâmica, brinquedos, objetos e livros raros que estão disponíveis, exatamente, na laje de uma casa.
- III. A visitação do espaço ocorre através de agendamento prévio e pode ser feita em grupo ou individualmente, de segunda a sexta-feira, conforme for combinado previamente com José Eduardo, idealizador do espaço.
- IV. Localização: Rua Sá Oliveira, nº. 2, Casa 01, Plataforma, Salvador – BA.





Ilustração 29: Fachada

Fonte: <http://www.museusdorio.com.br>



Ilustração 30: Fachada

Fonte: <http://www.museusdorio.com.br>



6.4 CASA DO BENIN

- I. A casa do Benin foi construída, a partir do projeto arquitetônico de Lina Bo Bardi¹⁴, a partir da restauração de três imóveis: um sobrado do século XVII, que sofreu um incêndio e foi quase totalmente destruído em 1978, onde passou a funcionar a Casa do Benin propriamente dita; duas fachadas remanescentes de antigos sobrados, onde se estabeleceu a “residência do representante do Benin” e o pátio anterior a este imóvel, onde se construiu, em barro e palha, o restaurante do Benin, fazendo referencia à arquitetura tradicional rural daquele país.
- II. Localização: Baixa dos Sapateiros, n.º.7, Pelourinho, Salvador – BA.

14. Arquiteta modernista ítalo-brasileira, conhecida por ter projetado o Museu de Arte de São Paulo (MASP), marco da arquitetura brasileira.





Ilustração 31: Fachada
Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 32: Salão de Exposição
Fonte: Arquivo Pessoal





Ilustração 33: Salão de Exposição
Fonte: <http://www.hoteis-em-salvador.com>



Ilustração 34: Salão de Exposição
Fonte: Arquivo Pessoal





Ilustração 35: Pátio — Anexo Restaurante
Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 36: Anexo Restaurante
Fonte: Arquivo Pessoal



III. Arquitetura: possui uma fachada com restauração tipo clássica, restabelecendo as condições inicialmente construídas no projeto arquitetônico. No seu interior, os espaços foram reformados colocando-os em condições para novos usos. Observa-se o uso da iluminação em trilhos, união, por um vazio, dos andares isolados que são ligados, também, por tecidos do Benin, uso de escada de ferro (estrutura leve) para circulação vertical, colunas de concreto com revestimento em palmas de coqueiros, muros de pedra e terra sem reboco aparente. Na reforma, buscou-se manter a originalidade da casa. Assim, a edificação possui uma diversidade de texturas em seu acabamento. Abriga-se na casa um restaurante, uma biblioteca especializada em África e cultura afro-brasileira e um pequeno auditório.

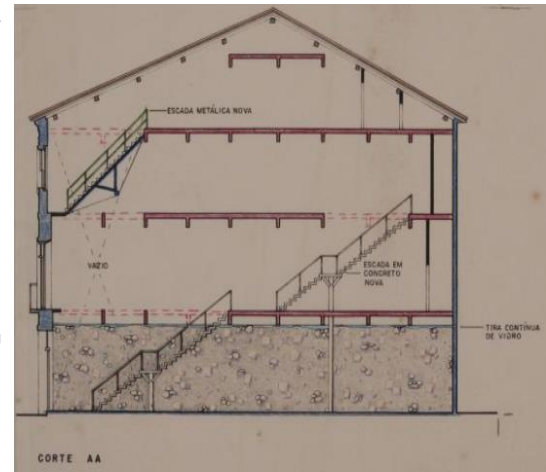


Ilustração 37: Corte AA

Fonte: <http://www.institutobardi.com.br>



6.5 PALACETE DAS ARTES

- I. O imóvel escolhido para abrigar o Museu Rodin Bahia, entre as opções apresentadas pelo governo do estado da Bahia, trata-se de uma casa do início do séc. xx, no bairro da Graça, em Salvador. Construído em 1912 pelo comendador Bernardo Martins Catharino, com desenho arquitetônico italiano Baptista Rossi, o palacete, protegido pelo governo estadual desde a década de 1980, é um dos últimos exemplares do ecletismo¹⁵ na capital baiana.
- II. Sendo implantado o estilo inspirado nos similares franceses que remontam ao final do séc. XVIII, o imóvel possui quatro pavimentos. Com pouco mais de 15 mil m² de área, o casarão doado pelo governo do estado da Bahia era insuficiente para abrigar o programa de museu, assim, foi proposto um novo volume, no fundo da gleba, com área edificada semelhante. Sendo essa relação entre os conjuntos assinada pelos arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco

15. O termo ecletismo, que define a arquitetura eclética, é usada em referência aos estilos surgidos durante o século XIX que exibiam combinações de elementos que podiam vir da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica.



Fanucci. Os autores também realizaram o projeto de restauração do palacete, implantando um anexo de forma quase simétrica à construção existente, levando em conta um corte transversal no meio do lote, possibilitando assim que a projeção ocupada pelos conjuntos arquitetônicos, no terreno, sejam quase a mesma. Sobretudo, a nova construção possui a metade da altura da antiga construção, elevada à condição de protagonista do conjunto do Museu Rodin Bahia.

III. Localização: Rua da Graça, n°. 289, Graça, Salvador - BA



Ilustração 38: Fachada

Fonte: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br>



Ilustração 39: Fachada

Fonte: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br>





Ilustração 40: Passarela

Fonte: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br>



Ilustração 41: Passarela

Fonte: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br>





Ilustração 42: Café

Fonte: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br>



Ilustração 43: Passarela

Fonte: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br>



- IV. Arquitetura: possui uma relação de escala entre a edificação nova e o casarão existente. A edificação nova possui concreto, vidro e treliça de madeira aparente, no casarão a intervenção mais radical é a inserção de uma torre vertical para a circulação, sendo preservado seu interior. Estabelecendo um ambiente preparado para novas funções, as edificações são ligadas por uma passarela de concreto protendido, possui assim uma valorização e preservação da mata tropical local, uso da iluminação zenital controlada e iluminação artificial em trilhos, climatização discreta e uso da madeira como solução acústica.

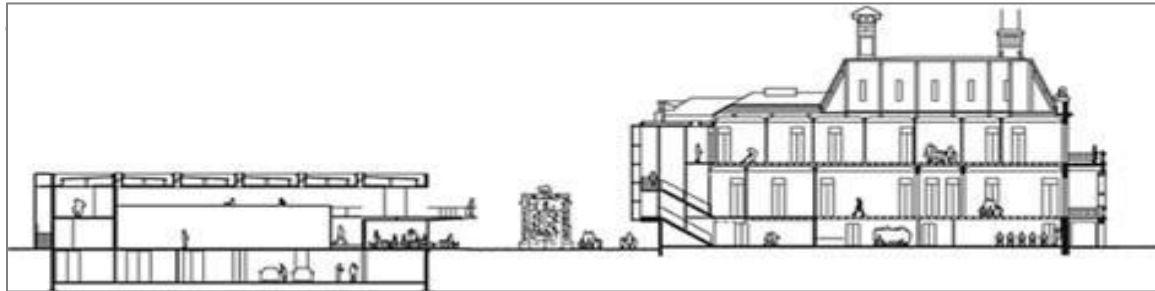


Ilustração 44: Corte Esquemático

Fonte: <http://www.institutobardi.com.br>



6.6 LADEIRA DA MISERICÓRDIA

- I. Foi um projeto realizado pela arquiteta Lina Bo Bardi com a colaboração do arquiteto Marcelo Ferraz e com pré-fabricados de argamassa de João Filgueiras Lima (Lelé), em 1987.
- II. A ladeira liga a Rua da Misericórdia, na Cidade Alta, ao início da Ladeira da Montanha, no bairro do Comércio. A ladeira começa ao lado da Santa Casa da Misericórdia e segue por trás dela.
- III. O conjunto arquitetônico contempla um restaurante e mirante, além de complexos residências.





Ilustração 45: Ladeira da Misericórdia
Fonte :<http://www.institutobardi.com.br>



Ilustração 46: Ladeira da Misericórdia
Fonte: <https://www.archdaily.com.br>





Ilustração 47: Detalhe dos contrafortes em argamassa armada e a estrutura branca
Fonte: <http://img.interempresas.net/fotos/416489.jpeg>.



Ilustração 48: Espaço Coaty- Área Externa
Fonte: <https://www.correio24horas.com.br>



- IV. Arquitetura: o conjunto é construído por um conjunto de cilindros. O terreno no qual foi implantado é um polígono irregular muito próximo a um triângulo retângulo com catetos medindo 18,40m e 14,60 m, e hipotenusa de 23,55 m. O volume principal é definido por uma casca com diâmetro de 9m, nele estão inscritos outros dois cilindros.



Ilustração 49: Mirante

Fonte: <https://www.wmf.org/project>



Ilustração 50: Vista Interna do Restaurante

Fonte: <https://www.wmf.org/project>





Fonte: <https://www.triunfohoje.com>

 LOCAL

“Medo não me alcança.

No deserto me acho, faço cobra morder o rabo, escorpião virar pirilampo.

Meus pés recebem bálsamos, unguentos suaves das mãos de Maria

Irmã de Marta e Lázaro, no Oásis de Bethânia.

Pensou que eu ando só? Atente ao tempo. Não começa, não termina, é nunca é sempre.

É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra, fulmina o injusto e deixa nua a Justiça.”

Maria Bethânia — Carta de Amor



7. O LOCAL

7.1 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO LOCAL

Como proposta de localização, o Centro de Documentação e Memória da Religião Afro Brasileira da capital baiana, devendo ser inserido em um contexto afro urbano adensado e consolidado, como o Pelourinho, situado no centro histórico da cidade de Salvador, que conserva boa parte do patrimônio imaterial da cultura afro propalada na urbanização soteropolitana.



Ilustração 51: Pelourinho

Fonte: Google Imagens | Edição: Arquivo Pessoal



LOCALIZAÇÃO

Salvador – BA

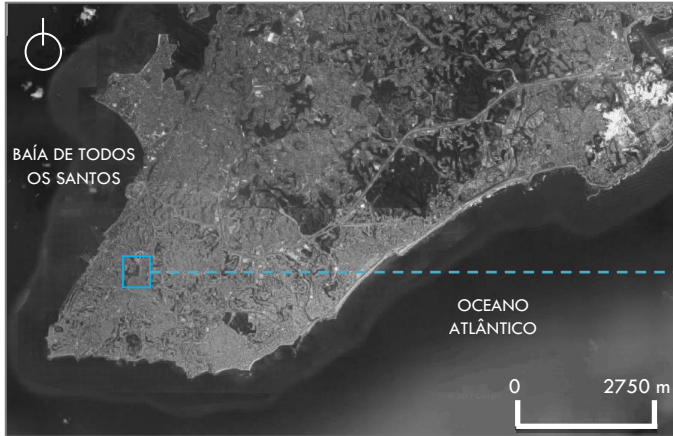


Ilustração 52: Mapa de Salvador

Fonte: Google Maps | Edição: Arquivo Pessoal

Centro Histórico - Pelourinho



Ilustração 53: Mapa de Salvador/Poligonal Pelourinho

Fonte: Google Maps | Edição: Arquivo Pessoal



7.2 CONTEXTO HISTÓRICO

O Pelourinho é o bairro mais antigo da cidade de Salvador; foi instalado no séc. XVI, juntamente com a fundação da cidade de Salvador. O presente bairro foi durante muito tempo um instrumento de punição legal utilizado pelos portugueses em todas as cidades do Brasil. Eram postes de madeira ou de pedra, com argolas de ferro, que eram erguidos em praça pública, onde os escravos eram amarrados e chicoteados.

No ano de 1985, o conjunto histórico do Pelourinho foi tombado como patrimônio da humanidade pela UNESCO – Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

Já nos anos de 1950, o Pelourinho sofreu um forte processo de degradação, com a modernidade e transferência de atividades econômicas para outras regiões da capital baiana, o que transformou o Pelourinho em uma região de intensa marginalidade e prostituição.



Hoje o Pelourinho abriga um conjunto arquitetônico barroco formado por mais de oitenta casarões sendo predominante o uso comercial, ao exemplo de bares, lojas, restaurantes, hotéis, pousadas dentre outros. Há também uma forte presença de igrejas difundida no bairro do Pelourinho. Assim, o Pelourinho tornou-se encontro entre a arte e os admiradores dela, sendo um “fastfood” da cultura afro-brasileira instituída na Bahia.



7.3 SISTEMA DE TRANSPORTE COLETIVO DE PASSAGEIROS

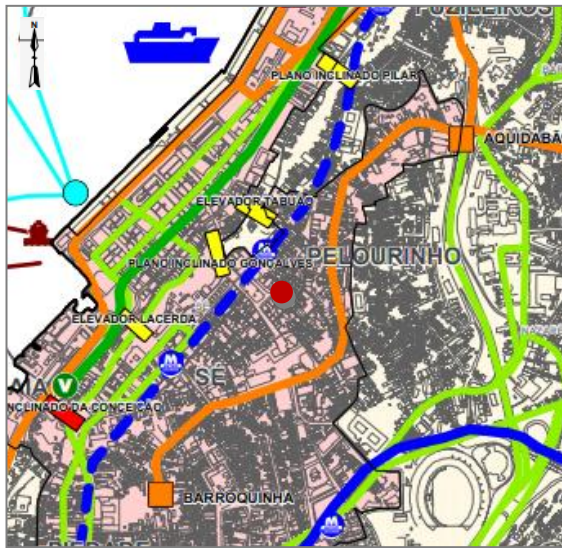



Ilustração 54: Mapa - Polígono Pelourinho

Fonte: Lei nº 8.167/2012 – LOUOS / Salvador

Legenda:


Corredores de Transporte de Alta Capacidade:

 Linha 01-Lapa /Cajazeiras-Linha 02- Fuzileiros/Mussurunga


 Expansão da rede

Corredores de Transporte de Média Capacidade:

 Linha sobre trilhos – Fuzileiros / Paripe (VLT)

 Linha urbana sobre pneus

Corredores de Transporte de Baixa Capacidade:

 Linha urbana sobre pneus

Estações e Terminais:


 Corredores de Transporte de Alta Capacidade


 Corredores de Transporte de Alta Capacidade

 Corredores de Transporte de Alta Capacidade

 Corredores de Transporte de Alta Capacidade

Ascensores:

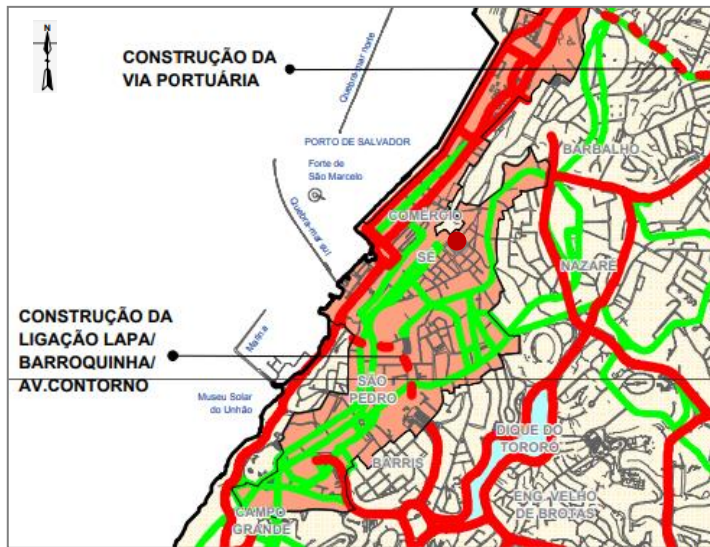
 Existente

 A ser implantado

 Proposta



7.4 SISTEMA VIARIO





 Proposta

Ilustração 55: Mapa - Polígono Pelourinho
 Fonte: Lei nº 8.167/2012 – LOUOS / Salvador

Legenda:



Rede Viária Estrutural:

-  Vias arteriais existentes
-  Vias arteriais a serem construídas

Rede Viária Complementar:

-  Vias coletoras existentes

Centros Urbanos:


-  Centros municipais
-  Subcentros municipais



7.5 MAPEAMENTO DOS EQUIPAMENTOS RELACIONADOS COM A CULTURA AFRO



Legenda:

 Centro Histórico – Pelourinho








-  Proposta - Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Salvador
-  Museu Afro Brasileiro da UFBA
-  Casa do Carnaval da Bahia
-  Memorial das Baianas
-  Fundação Cultural do Estado da Bahia
-  Casa de Angola
-  AFRO – Museu Cultural Afro Brasileiro
-  Espaço Barroquinha

Ilustração 57: Mapa - Poligonal Pelourinho
 Fonte: Google Maps Edição: Arquivo Pessoal





AS EDIFICAÇÕES

“Eu não provo do teu fel, não piso no teu chão,
E pra onde você for, não leva o meu nome não
E pra onde você for, não leva o meu nome não
Onde vai valente?

Você secou, seus olhos insones secaram, não veem brotar a relva que cresce livre e verde longe da tua cegueira.
Teus ouvidos se fecharam à todo som, qualquer música, nem o bem, nem o mal, pensam em ti, ninguém te escolhe.

Você pisa na terra mas não sente, apenas pisa.
Apenas vaga sobre o planeta, e já nem ouve as teclas do teu piano.
Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona, não tem alma.
Você é o oco, do oco, do oco, do sem fim do mundo.”

Maria Bethânia —Carta de Amor



8. AS EDIFICAÇÕES

A escolha do presente edifício – casa de nº. 06 na Ladeira do Ferrão – se deu pelo fato de ser o local de nascimento e moradia, nos primeiros anos de vida, Dalyalorixá Maria Stella de Azevedo Santos, conhecida como Mãe Stella de Oxossi. Fazendo, portanto, uma homenagem a principal personalidade do Candomblé no Brasil. Nesse contexto, a edificação que abrigará o Memorial se torna o “coração do projeto”. Posterior a isso, de acordo com o programa de necessidades adotado, houve a contemplação de edificações vizinhas e praça local, denominada no projeto como “Praça dos Orixás”, que conecta essas edificações, tornando-se um sítio urbano pré-existente a si trabalhar nesse projeto de Intervenção, proposta de Trabalho Final de Graduação, que articula-se com a Praça das Artes, potencializando mais seu uso.



8.1 MARIA STELLA DE AZEVEDO SANTOS

Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi, como é conhecida e carinhosamente chamada pelos amigos, filhos e filhas de santo, nasceu em Salvador e ingressou no Candomblé aos 13 anos, em 1939, no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, por Iyalorixá Mãe Senhora. “Mãe Menininha”, assim denominada, tornou-se Iyalorixá em 1976, sucedendo Mãe Ondina, aos 49 anos, assumindo o comando do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá em São Gonçalo do Retiro, tornando-se a mãe de santo mais jovem a assumir o cargo no estado da Bahia. Formada em enfermagem pela Escola de Saúde Pública do Estado da Bahia, hoje não mais em atividade, dedicou seu tempo extra para redigir diversos artigos em jornais e revistas sobre as questões atinentes às comunidades de terreiro, sendo convidada a participar em congressos acadêmicos voltados à questão da religiosidade e recebendo vários prêmios de destaque, ao exemplo da medalha de ordem ao mérito da cultura, do Ministério da Cultura, na classe Comendador, no ano de 1999. Mãe Stella publicou dois livros Ówe – Provérbios em 2007 e Epélaiyé – Terra Viva, em 2009, tornando-se a primeira Iyalorixá a escrever



livros e artigos, recebendo o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual da Bahia (Uneb). Já em 2013, com 22 votos, Mãe Stella de Oxossi passou a ocupar a cadeira de n.º. 33 , vaga deixada pelo historiador Ubiratan Castro, na Academia de Letras da Bahia, tornando-se a nova “imortal” e a primeira mãe de santo, no mundo, a entrar em uma Academia de Letras, representando o reconhecimento de uma cultura negra e religião de matriz africana.





Ilustração 58: Mãe Stella de Oxossi
Fonte: <http://leituraspretas.blogspot.com.br>



Ilustração 59: Mãe Stella de Oxossi
Fonte: <http://gshow.globo.com>



8.2 LOCALIZAÇÃO



Ilustração 60: Mapa - Poligonal Pelourinho

Fonte: Google Maps | Edição: Arquivo Pessoal

Proposta - Centro De Documentação E
Memória Dos Terreiros De Candomblé
De Salvador Ladeira do Ferrão, N°. 06,
04 e 02, Pelourinho.

1 Pontos de Referência:

- 2 Museu Casa do Benin
- 3 Mercado de Santa Bárbara
- 4 Igreja Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos
- 5 Fundação Casa de Jorge Amado
- 6 IPAC
- 7 Largo Quincas Berro D'Água
- 8 Centro Cultural Solar do Ferrão
- 9 Lar Franciscano e Capela Santa Isabel
- 10 Teatro XVIII / Faculdade de Medicina da UFBA / Museu Arqueologia e Etnologia da UFBA
- 11 Largo Pedro Arcaño
- 12 Largo Tereza Batista
- 13 Largo Terreiro de Jesus
- 14 Catedral Basílica de Salvador.

8.3 MAPA ÓPTICO – LOCALIZAÇÃO FOTOGRÁFICA DO ENTORNO



Ilustração 61: Mapa - Poligonal Pelourinho
Fonte: Google Maps | Edição: Arquivo Pessoal



Ilustração 62: Fotos do Sítio
Fonte: Arquivo Pessoal



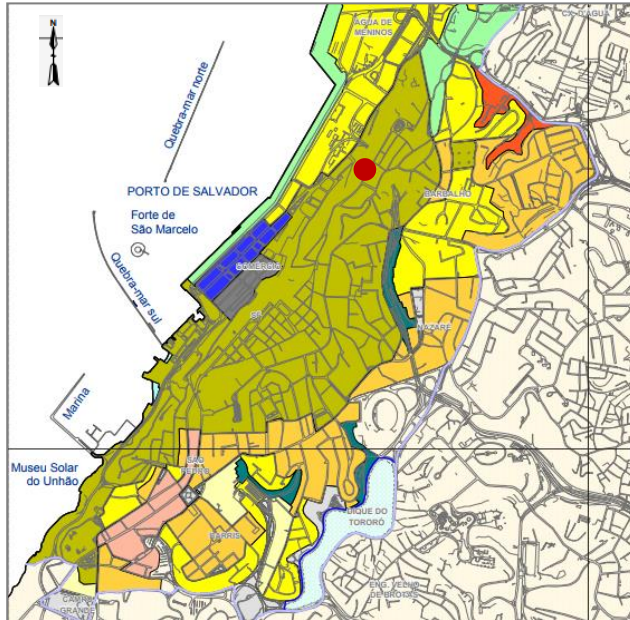
8.4 LEGISLAÇÃO

O imóvel é de propriedade do IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, contudo, está inserido no conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do Centro Histórico da Cidade de Salvador, através do processo de n.º. 1093 – T / IPHAN, além de estar na Área de Proteção Rigorosa, segundo a Lei Municipal n.º. 3289/83. De acordo com a Lei Municipal de n.º. 8.167/2012 – LOUOS – Dispõe sobre a Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo do Município de Salvador e da outras providências, o imóvel se encontra sob tais restrições:

- I. Gabarito de Altura das Edificações – Área de proteção rigorosa
- II. Sistema de Área de Valor Ambiental e Cultural – Área de proteção cultural e paisagística



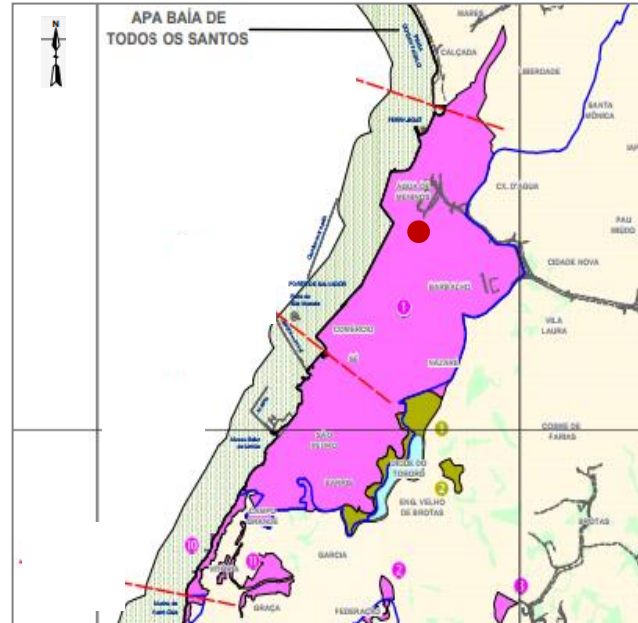
Gabarito de Altura das Edificações: Área de Proteção Rigorosa.



● Proposta

Ilustração 63: Mapa - Poligonal Pelourinho
 Fonte: Lei nº 8.167/2012 — LOUOS / Salvador

Sistema de Área de Valor Ambiental e Cultural: Área de Proteção Cultural e Paisagística.



● Proposta

Ilustração 64: Mapa - Poligonal Pelourinho
 Fonte: Lei nº 8.167/2012 — LOUOS / Salvador



8.5 ARQUITETURA – PRÉ-EXISTÊNCIA

Com fachada frontal voltada para a Rua Ladeira do Ferrão, a edificação de n.º 06, casa de nascimento de Mãe Stella de Oxossi, possui feições arquitetônicas simples, o imóvel que se configura como casa térrea, passou por uma reforma conduzida pelo seu atual proprietário, IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, em 2015. Porém, a desocupação e a intervenção inacabada, estão promovendo a degradação do imóvel através da umidade nas paredes, proliferação de mofo, fungos e vegetação espontânea.



Ilustração 64: Fachada Principal, Casa de n.º 06

Fonte: Arquivo Pessoal



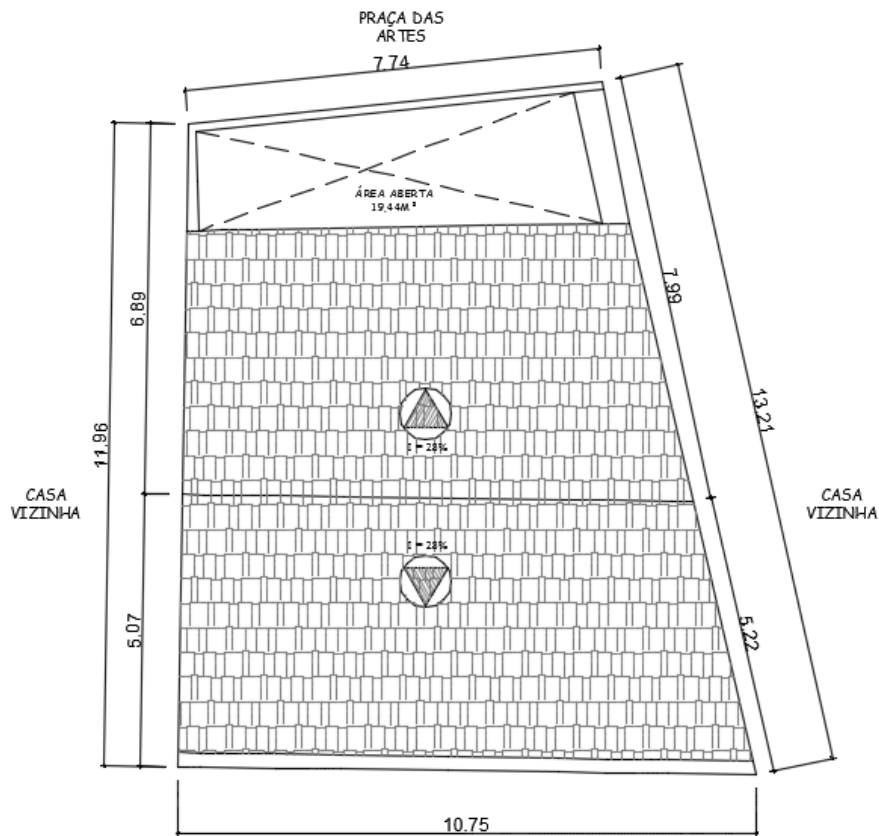
8.6 LEVANTAMENTO CADASTRAL

O levantamento cadastral do sítio pré-existente foi disponibilizado pelo proprietário, IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.



Fachada, n.º. 06
S/ Escala

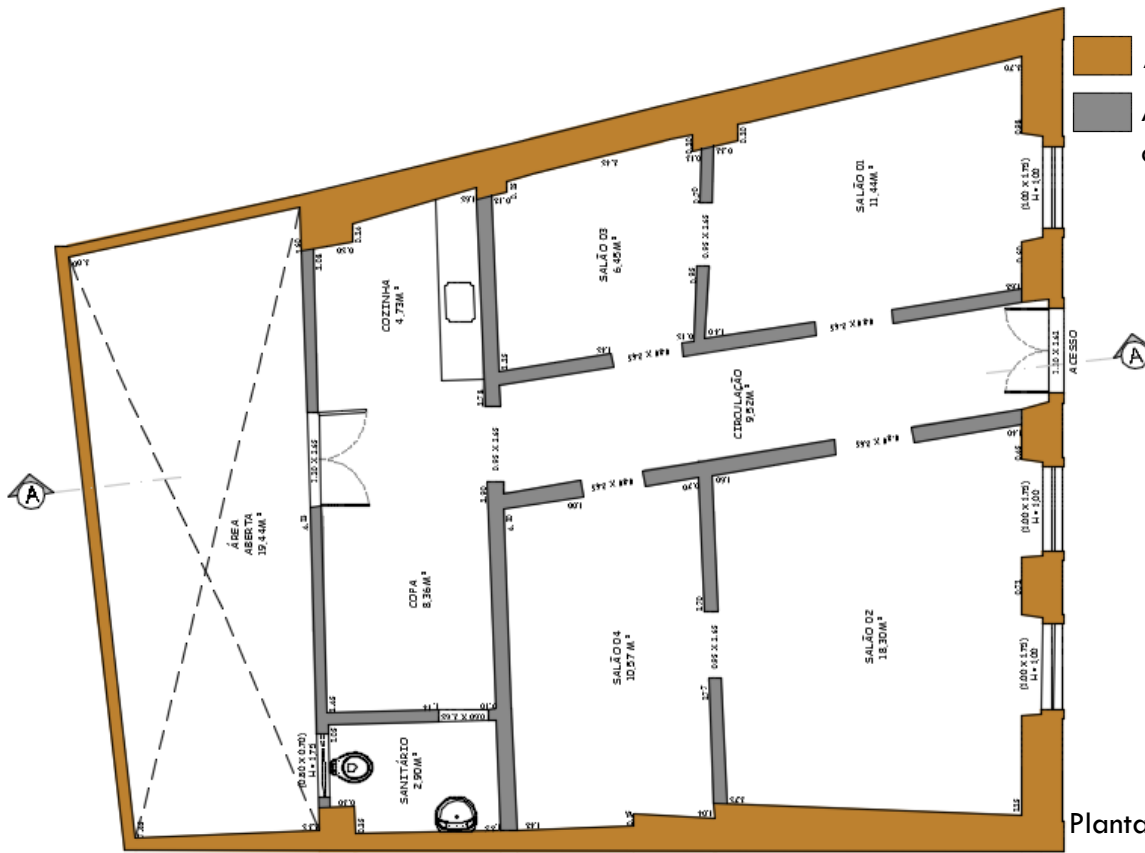




Planta De Situação, nº06

S/ Escala

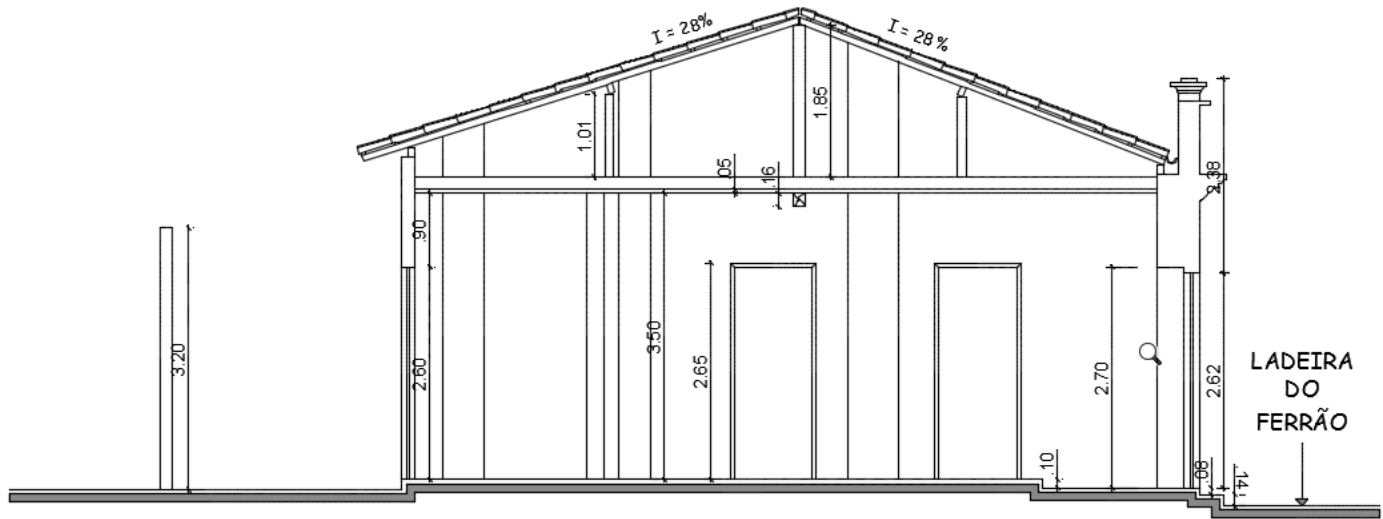




- Alvenaria de Pedra
- Alvenaria de bloco cerâmico

Planta Baixa, n°. 06
S/ Escala





Corte AA, nº06

S/ Escala



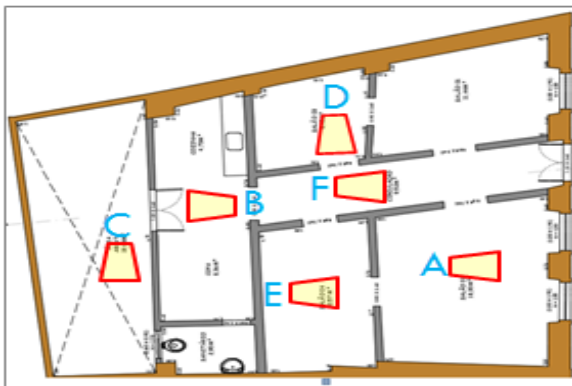


Ilustração 65: Edificações n°. 06 - Interior
Fonte:Arquivo Pessoal





Ilustração 66: Fachada Principal das Edificações
Fonte:Arquivo Pessoal

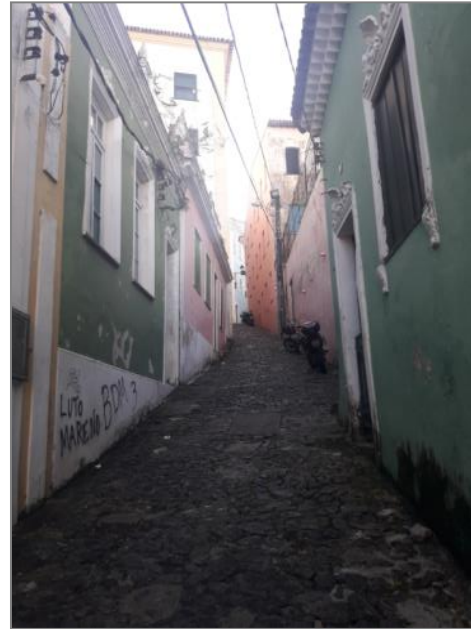


Ilustração 67: Fachada Principal das Edificações
Fonte:Arquivo Pessoal





Ilustração 68: Fachada Museu do Ferrão, Ladeira do Ferrão

Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 69: Entrada do Beco do Ferrão, Ladeira do Ferrão

Fonte: Arquivo Pessoal





Ilustração 70: Fachada Principal, Casa nº. 06
Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 71: Fachada Principal, Casa nº. 06
Fonte: Arquivo Pessoal





Ilustração 72: Fachada Principal, Casa nº 04

Fonte: Arquivo Pessoal



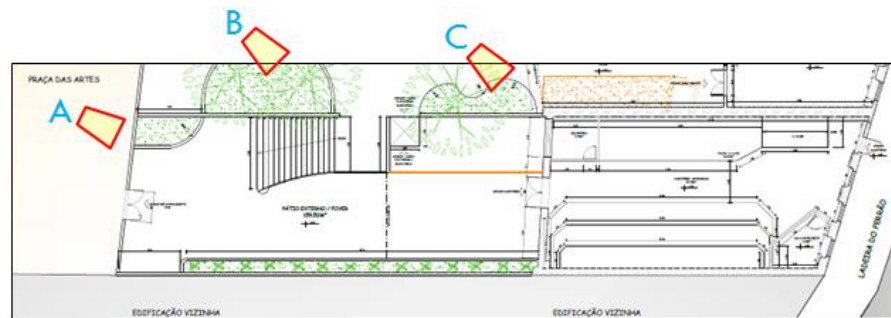


Ilustração 73: Fachada Principal, Casa n.º 02
Fonte:Arquivo Pessoal



Ilustração 74: Fachada Principal, Casa n.º 02
Fonte:Arquivo Pessoal





A



B



C



Ilustração 75: Futura Praça dos Orixás

Fonte: Arquivo Pessoal





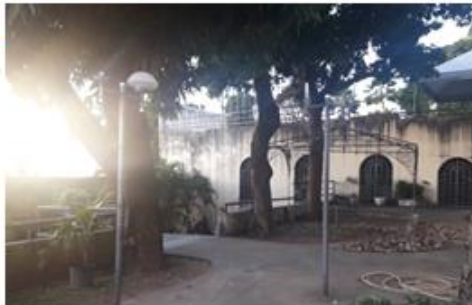
A



B



C



D



Ilustração 76: Futura Praça dos Orixás

Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal



O PROJETO ARQUITETÔNICO

“O que é teu já tá guardado.

Não sou eu quem vou lhe dar,

Não sou eu quem vou lhe dar,

Não sou eu quem vou lhe dar.

Eu posso engolir você, só pra cuspir depois.

Minha fome é matéria que você não alcança.

Desde o leite do peito de minha mãe, até o sem fim dos
versos, versos, versos, que brotam do poeta em toda poesia sob a luz da lua que
deita na palma da inspiração de Caymmi.”

Maria Bethânia —Carta de Amor



9. O PROJETO ARQUITETÔNICO

9.1. O RESTAURO

Em geral, entende-se por restauro qualquer intervenção voltada à execução de produtividade humana dentro do espaço ou edificação não mais utilizada. Abaixo segue a visão, resumida, de restauro para os tratadistas¹⁶Viollet Le Duc, John Ruskin, Camillo Boito e Cesare Brandi, segundo o Livro da Restauração de 2013.

Para Viollet Le Duc¹⁷, restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento. Le Duc, não se contenta em fazer uma reconstituição hipotética e busca a pureza do estilo, ou seja, o restauro.

16. São pessoas estudadas que escrevem em caráter formal, científico, fundamentando e sistemático sobre um determinado assunto.

17. EugèneEmmanuelViollet Le Dufoi um arquiteto francês ligado à arquitetura revivalista do séc. XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do patrimônio histórico ,sendo considerado como o precursor teórico da arquitetura moderna.



ViolletLe Duc faz reconstituição daquilo que teria sido feito, uma reformulação ideal do tipo arquitetônico da obra. Posição diretamente oposta a de John Ruskin que, no seu conceito de restauração, prega absoluto respeito pela matéria original, levando em conta as transformações feitas em uma obra no decorrer do tempo, dando manutenções a fim de conservar a matéria, evitando futuras degradações e restaurações. Segundo Ruskin, as intervenções nos monumentos antigos imprimem novo caráter à obra, tirando a sua autenticidade. A partir dessa visão de Ruskin, a história e a condição atual devem ser maximamente respeitadas, admitindo-se somente intervenções de conservação. Assim, para John Ruskin¹⁸ a restauração é a destruição do edifício, é como tentar ressuscitar os mortos, ou seja, é melhor manter uma ruína do que restaurá-la. Concluindo, Ruskin define que a melhor forma de destruir um monumento é restaurá-lo, já que a restauração se presta com perfeição a manipulação de informações, a adulteração da história segundo a vontade de quem o restaura, visão defendida por Viollet Le Duc. Se um restaurador defender suas ideias,

18. John Ruskin foi um escritor destacado por trabalhos críticos sobre arte e social britânico. Foi também desenhista e poeta.



aplicando-as a uma obra do passado, não só falsificará a história como irá reduzi-la a um mero fragmento de seu inteiro significado. Sendo assim, para John Ruskin, o passado não pode ser substituído por uma visão moderna do passado.

Já Camillo Boito chama atenção para o fato de que a restauração e conservação não são a mesma coisa, sendo, com muita frequência, antônimas. Os conservadores são tidos como "homens necessários e beneméritos"¹⁹ ao passo que os restauradores são quase sempre "supérfluos e perigosos". Dessa forma, prega o discurso que a restauração deve ser limitada e que deve ser feito a conservação para assim evitar a restauração, já que a mesma poderia desconfigurar a obra levando-a por um caminho totalmente diferente do que o previsto por seu autor. Sendo assim, Camillo Boito²⁰defendia um discurso que se distanciava-se de Ruskn e de Le Duc: do primeiro, na medida em que não aceitava a morte certa dos monumentos e, do segundo, não aceitando levá-los a um estado que não poderia nunca ter existido antes. Assim, Boito defendia a teoria que a restauração deveria não ter

19. Aquele que, pelos serviços prestados, é digno de prêmios, aplausos, recompensas, homenagens; benemerente.

20. Camillo Boito foi um arquiteto, escritor e historiador italiano, voltado à crítica de arte e teoria do restauro.



acréscimos, nem supressões, ficando evidente o respeito que os acréscimos ao longo da história deveriam ter orientado, ao mesmo tempo, a mínima intervenção.

Já para Cesare Brandi²¹, a restauração é o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão ao futuro. Assim, esse conhecimento deve ser fundamentado em análises sobre a totalidade da obra em seus aspectos físicos, da imagem figurada, da transformação ao longo do tempo, através de instrumentos de reflexão oferecidos pela historiografia da arte, estética, filosofia e a fenomenologia, buscando reconhecer sua unidade potencial, realidade ontológica ou imagem configurada que se trata do estudo do ser e do existir e remete à qualidade de natureza comum e essencial que é encontrada em cada um dos edifícios. Sendo assim, Brandi sustenta que o ato do restauro exige que o objeto seja reconhecido pelo observador como obra de arte. A partir dessa consciência e de uma ação crítica perante a percepção do objeto em suas instâncias física e material,

21. Cesare Brandi formou em Direito e ciências humanas e tornou-se um dos principais nomes da restauração de objeto de arte, fundamentando o “restauro crítico”.



o restaurador precisa agir buscando resgatar a sua unidade potencial, sem que produza falsificações ou que elimine a patina características das passagens do tempo na obra. Portanto, o conceito brandiano apresenta uma clara referência ao conceito de busca pela essência primeira do objeto em análise, que no caso a obra de arte abrange sua inserção dentro do contexto ao qual pertence.

I. CONCLUSÃO

Assim, verifica-se que na Europa são formuladas duas teorias conflitantes, uma desenvolvida pelo Viollet Le Duc, que entende que restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento. Já outra teoria configurada pelo inglês John Ruskin possui a visão que a intervenção nos monumentos antigos imprimem novo caráter a obra, tirando a sua autenticidade. No final do séc. XIX, o método da “Restauração Científica” é elaborado pelo italiano Camillo Boito, que prega o discurso que a



restauração deve ser limitada e que deve ser feito a conservação para assim evitar a restauração, já que a mesma poderia desconfigurar a obra levando-a por um caminho totalmente diferente do que foi previsto por seu autor. Assim, é sistematizado pelo seu contemporâneo Gustavo Giovannoni²². O primeiro documento internacional dedicado a estabelecer princípios gerais para a restauração: a “Carta de Atenas” de 1931. Já no caso do italiano Cesare Brandi, que construiu a teoria que parte de um embasamento fenomenológico, Brandi sustenta que o ato do restauro exige que o objeto seja reconhecido pelo observador como obra de arte. Assim, todo esse desenrolar teórico acaba possibilitando que se configurem as bases de um segundo documento que promove recomendações internacionais sobre restaurações, que é a “Carta de Veneza”, de 1964.

Dessa forma, a intervenção realizada no sítio urbano, em estudo, seguirá a linha de restauro definida por Cesare Brandi. Serão conservados o patrimônio edificado existente e a vegetação existente no

22. Gustavo Giovannoni é engenheiro civil, arquiteto, planejador urbano, historiador e crítico de arquitetura. É muito ativo nos campos educacionais e organizacionais, sendo considerado o “maior conhecedor” da história da arquitetura italiana e seguido de Camillo Boito.



local. Deixando claro o que é pré-existente e o que é intervenção contemporânea no espaço edificado.

9.2. CONCEITO

O presente projeto tem como conceito preservar os bens culturais dos Terreiros de Candomblé como exemplo: os registros de festas, documentações e histórias oralizadas, que não são materializadas e que são preservadas nas memórias do povo de santo. Materializando, portanto, o patrimônio cultural imaterial da comunidade de Terreiro.

“Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.”

(França, Paris. Convenção para a salvaguarda do Patrimônio cultural imaterial, 17 de outubro de 2003).



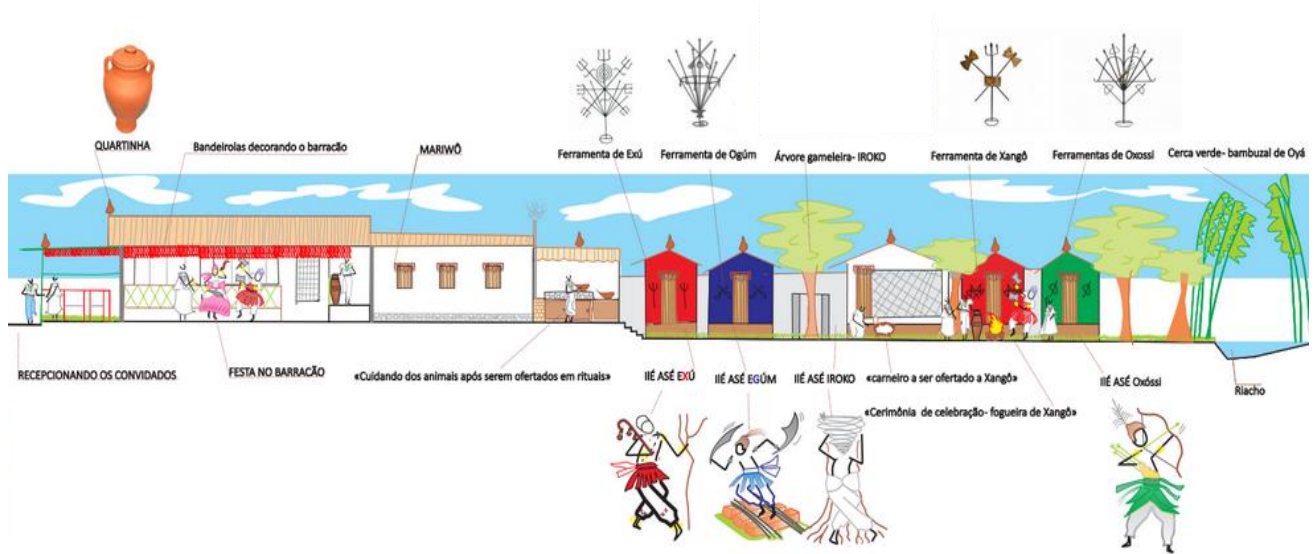


Ilustração 77: Terreiro de Candomblé

Autoria: Patrícia Silva

9.3. PROGRAMA ADOTADO E DIMENSIONAMENTO

O programa adotado será distribuído nas edificações de nº. 06, 04 e 02 na Ladeira do Ferrão, Pelourinho.

<table border="1"> <tbody> <tr> <td>Espaço Mãe Stella de Oxóssi</td> <td>18,20 M²</td> </tr> <tr> <td>Memorial dos Terreiros</td> <td>30,44M²</td> </tr> <tr> <td>Consulta de Acervos</td> <td>37,05M²</td> </tr> <tr> <td>Livraria Afro / Café</td> <td>41,93M²</td> </tr> <tr> <td>Auditório</td> <td>117,90M²</td> </tr> <tr> <td>Pátio Externo / Foyer</td> <td>159,52M²</td> </tr> <tr> <td>Praça dos Orixás</td> <td>239,85M²</td> </tr> <tr> <td>Sanitários</td> <td>28,68M²</td> </tr> </tbody> </table>	Espaço Mãe Stella de Oxóssi	18,20 M ²	Memorial dos Terreiros	30,44M ²	Consulta de Acervos	37,05M ²	Livraria Afro / Café	41,93M ²	Auditório	117,90M ²	Pátio Externo / Foyer	159,52M ²	Praça dos Orixás	239,85M ²	Sanitários	28,68M ²	673,57M²	SETOR MEMORIAL
Espaço Mãe Stella de Oxóssi	18,20 M ²																	
Memorial dos Terreiros	30,44M ²																	
Consulta de Acervos	37,05M ²																	
Livraria Afro / Café	41,93M ²																	
Auditório	117,90M ²																	
Pátio Externo / Foyer	159,52M ²																	
Praça dos Orixás	239,85M ²																	
Sanitários	28,68M ²																	
<table border="1"> <tbody> <tr> <td>Digitalização de Acervo / Web Site</td> <td>9,66M²</td> </tr> <tr> <td>Pesquisa de Acervo / Terreiros</td> <td>9,40M²</td> </tr> <tr> <td>Tratamento de Acervo</td> <td>10,52M²</td> </tr> <tr> <td>Área Técnica e Arquivo</td> <td>15,30M²</td> </tr> </tbody> </table>	Digitalização de Acervo / Web Site	9,66M ²	Pesquisa de Acervo / Terreiros	9,40M ²	Tratamento de Acervo	10,52M ²	Área Técnica e Arquivo	15,30M ²	44,88M²	SETOR TÉCNICO								
Digitalização de Acervo / Web Site	9,66M ²																	
Pesquisa de Acervo / Terreiros	9,40M ²																	
Tratamento de Acervo	10,52M ²																	
Área Técnica e Arquivo	15,30M ²																	
<table border="1"> <tbody> <tr> <td>Digitalização de Acervo / Web Site</td> <td>9,66M²</td> </tr> <tr> <td>Pesquisa de Acervo / Terreiros</td> <td>9,40M²</td> </tr> <tr> <td>Tratamento de Acervo</td> <td>10,52M²</td> </tr> <tr> <td>Área Técnica e Arquivo</td> <td>15,30M²</td> </tr> </tbody> </table>	Digitalização de Acervo / Web Site	9,66M ²	Pesquisa de Acervo / Terreiros	9,40M ²	Tratamento de Acervo	10,52M ²	Área Técnica e Arquivo	15,30M ²	174,34M²	SETOR ADMINISTRATIVO								
Digitalização de Acervo / Web Site	9,66M ²																	
Pesquisa de Acervo / Terreiros	9,40M ²																	
Tratamento de Acervo	10,52M ²																	
Área Técnica e Arquivo	15,30M ²																	
<table border="1"> <tbody> <tr> <td>Administração</td> <td>36,34M²</td> </tr> <tr> <td>Copa</td> <td>19,00M²</td> </tr> <tr> <td>Deposito</td> <td>7,85M²</td> </tr> <tr> <td>Vestiários</td> <td>35,21M²</td> </tr> <tr> <td>Terraço</td> <td>75,94M²</td> </tr> </tbody> </table>	Administração	36,34M ²	Copa	19,00M ²	Deposito	7,85M ²	Vestiários	35,21M ²	Terraço	75,94M ²	892,79M²	ÁREA TOTAL						
Administração	36,34M ²																	
Copa	19,00M ²																	
Deposito	7,85M ²																	
Vestiários	35,21M ²																	
Terraço	75,94M ²																	



9.4. ESTUDO DE ACESSOS AO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

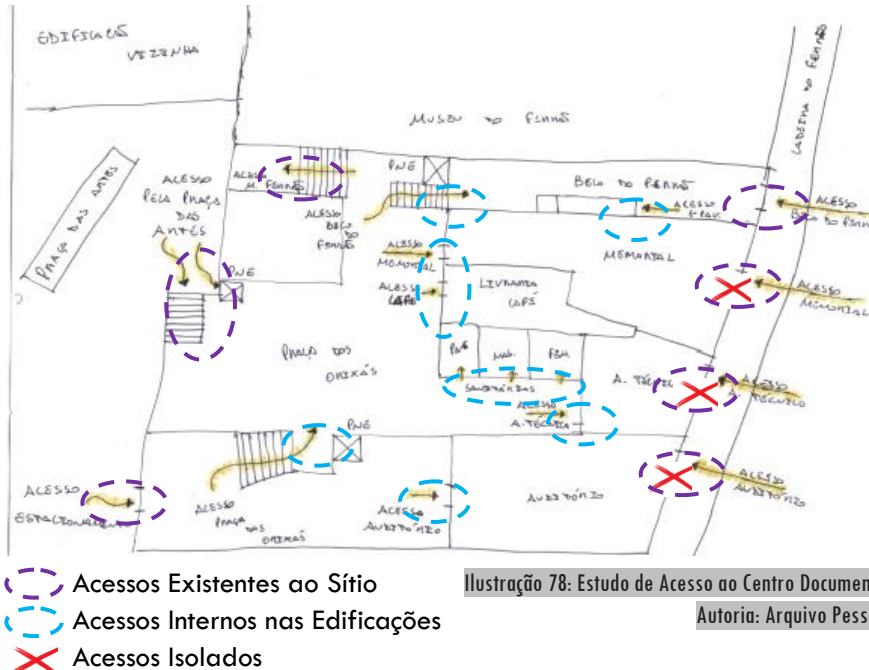


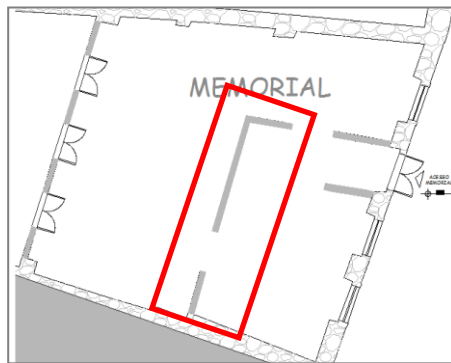
Ilustração 78: Estudo de Acesso ao Centro Documental

Autoria: Arquivo Pessoal

O Sítio que abrigará o Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Candomblé possui quatro acessos pela Ladeira do Ferrão, um acesso pelo estacionamento que liga a Av. J.J. Seabra (Barroquinha), um acesso através do Museu do Ferrão e um acesso pela Praça das Artes, totalizando sete acessos. Contudo, devido a falta de segurança do Pelourinho, serão contemplados no complexo quatro acessos que beneficiarão os portadores de necessidades especiais.

9.5. SISTEMA ESTRUTURAL

As edificações, conforme verificadas in loco, possuem suas paredes pré-existentes preservadas e sem nenhuma identificação de danos que possam prejudicar sua estabilidade e estrutura. Portanto, não necessitam de projetos para sua estabilização, só necessitam de pequenos reparos. Já as paredes criadas, conforme projeto proposto, serão estabilizadas conforme croqui abaixo:



Croqui do Memorial
S/Escala

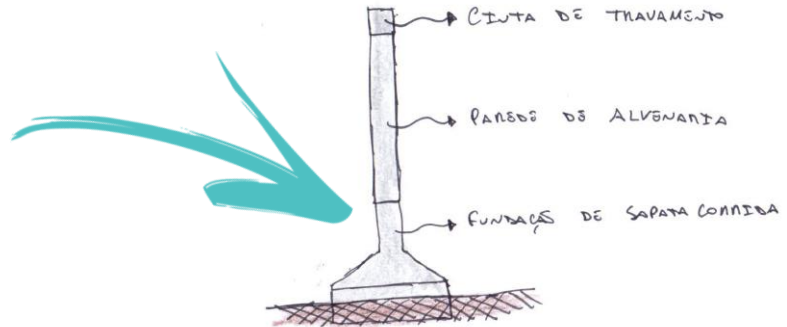
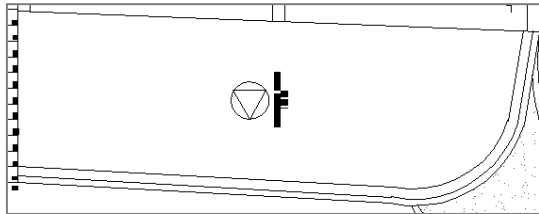


Ilustração 79: Estudo da Estrutura das Paredes

Autoria: Arquivo Pessoal

Já as coberturas criadas sustentadas por estruturas metálicas e possuirão as seguintes configurações:



Croqui da Cobertura do Pátio Externo do Café
S/Escala

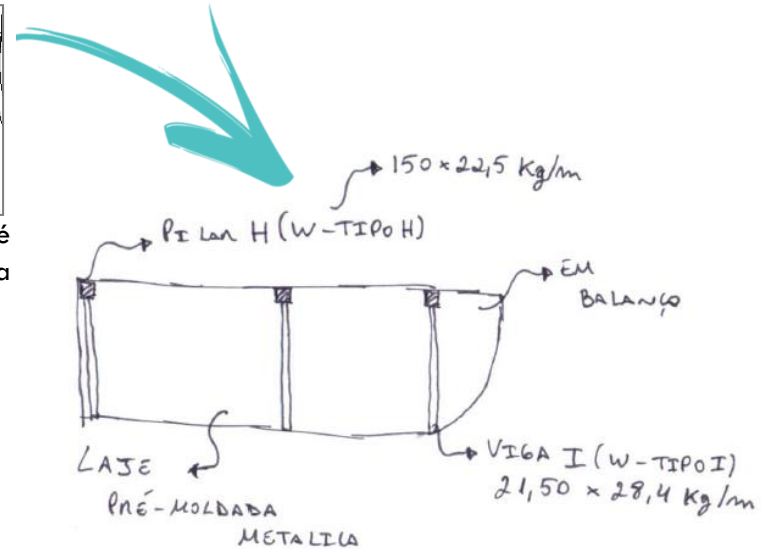
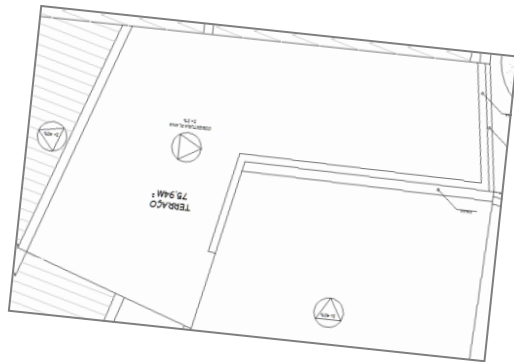


Ilustração 80: Detalhe da Cobertura do Pátio do Café

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Cobertura da Circulação dos Sanitários
S/Escala

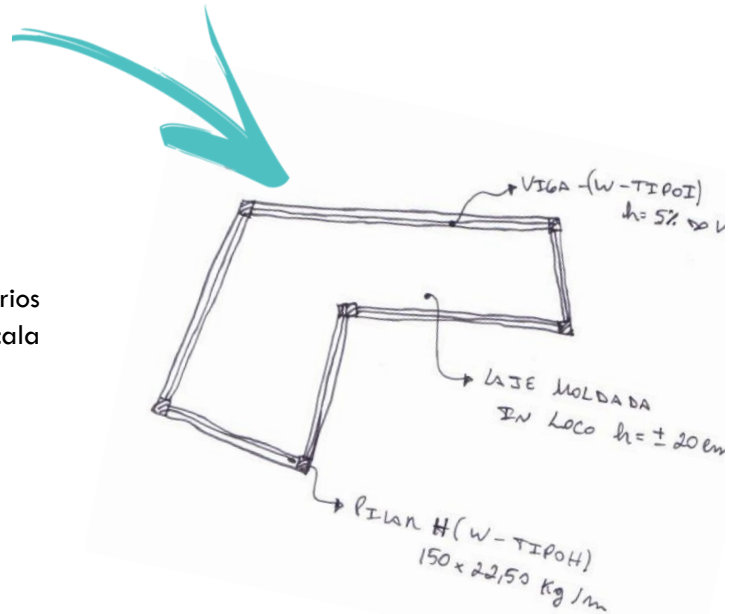
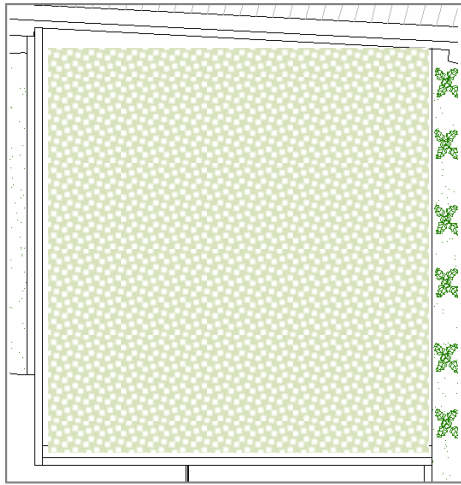


Ilustração 81: Detalhe da Cobertura da Circulação dos Sanitários

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Cobertura do Foyer
S/Escala



Ilustração 82: Componentes do Telhado Verde
Fonte: <https://www.ugreen.com.br/telhado-verde>

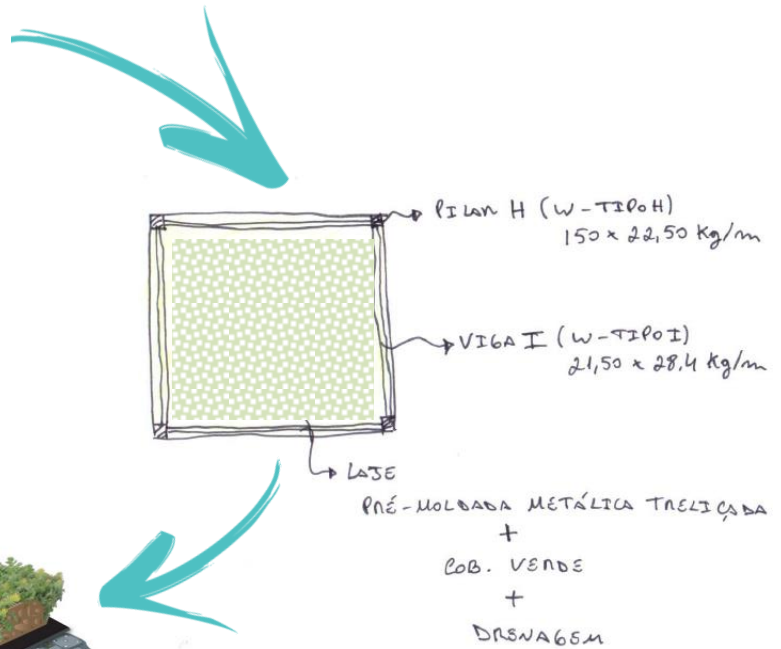


Ilustração 83: Detalhe da Cobertura do Foyer
Autoria: Arquivo Pessoal

9.6. CONFORTO AMBIENTAL

- I. Luminotécnica: se faz necessário um projeto de luminotécnica que contemple todas as edificações de acordo com a NBR 5413 – Iluminância de Interiores de 1992, destacando que o projeto deverá contemplar a sombra, visto que, a mesma é uma imagem carregada de simbolismo. Perceptivamente existem dois tipos de sombra: a sombra própria e a sombra projetada. O projeto deverá trabalhar com a sombra projetada, provocando obscuridade que tornará os objetos do Memorial possuidores de uma forma simbólica. Assim, as sombras projetadas definirão os espaços que rodeiam os objetos. Nesse contexto, a iluminação modificará a claridade homogênea do objeto, obscurecendo partes da sua superfície, criando assim outras sombras próprias, modificando a imagem percebida.



As luminárias adotadas serão em LED e distribuídas em trilhos dentro do Memorial, Livraria/Café e Auditório. Já o espaço externo que contempla a Praça dos Orixás terá iluminação focada com luz colorida, conforme cor de cada Orixá e será embutida no piso, em cada ferramenta de Orixá, dando destaque para esses elementos. Além de possuir iluminação intimista em seus espaços.

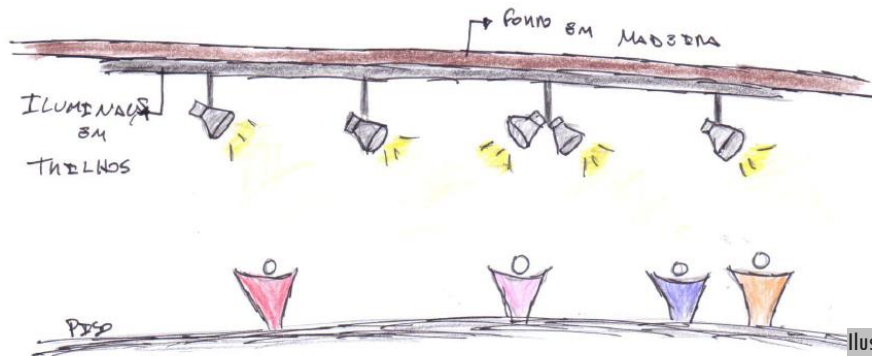


Ilustração 83: Detalhe da Cobertura do Foyer

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Exu
Localização: Praça dos Orixás
Material: Ferro

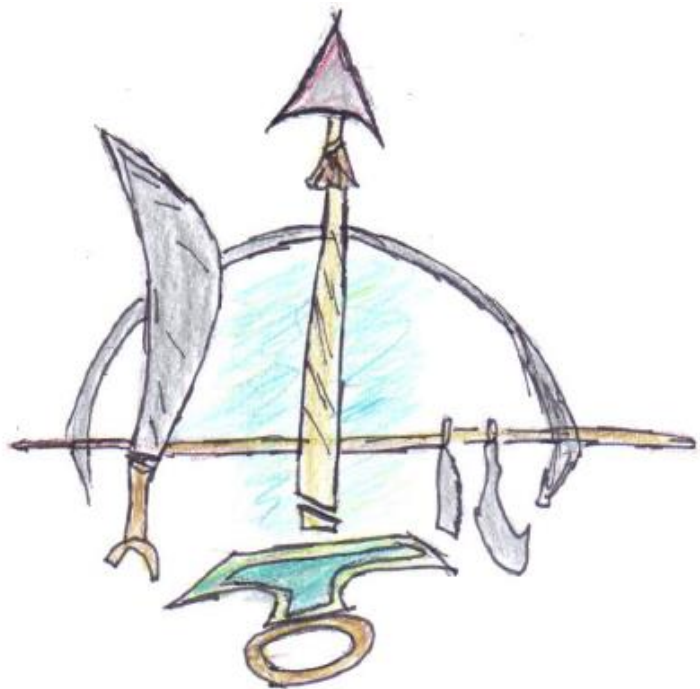


Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Vermelha

Ilustração 84: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Ogum
Localização: Praça dos Orixás
Material: Ferro



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Azul

Ilustração 85: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal



Croqui da Ferramenta de Oxossi
Localização: Praça dos Orixás
Material: Madeira



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Azul-Cobalto

Ilustração 86: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Ossaim
Localização: Praça dos Orixás
Material: Madeira



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Verde

Ilustração 87: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal



Croqui da Ferramenta de LogunEdé
Localização: Praça dos Orixás
Material: Bronze



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Azul-Turquesa

Ilustração 88: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal



Croqui da Ferramenta de Oxumaré
Localização: Praça dos Orixás
Material: Ferro



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Amarelo

Ilustração 89: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Obaluaiê
Localização: Praça dos Orixás
Material: Cerâmica de Barro



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Branca

Ilustração 90: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal



Croqui da Ferramenta de Ibeji
Localização: Praça dos Orixás
Material: Cerâmica de Barro



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Rosa

Ilustração 91: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Xangô
Localização: Praça dos Orixás
Material: Ferro



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Marrom

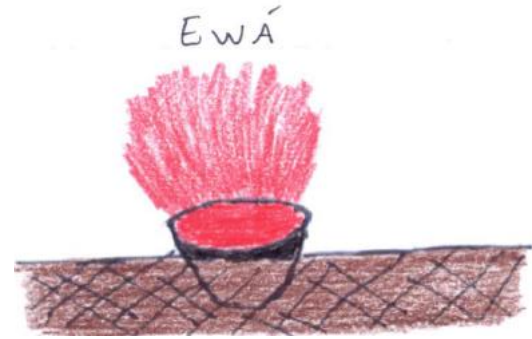
Ilustração 92: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Ewá
Localização: Praça dos Orixás
Material: Madeira

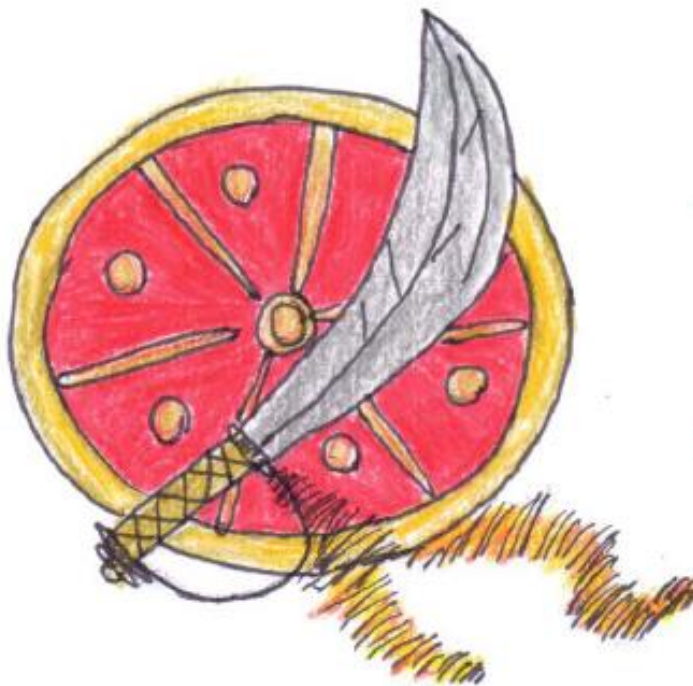


Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Vermelho

Ilustração 93: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Obá
Localização: Praça dos Orixás
Material: Ferro



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Amarelo

Ilustração 94: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás
Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de lansã
Localização: Praça dos Orixás
Material: Ferro



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Vermelho

Ilustração 95: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Oxum
Localização: Praça dos Orixás
Material: Cobre

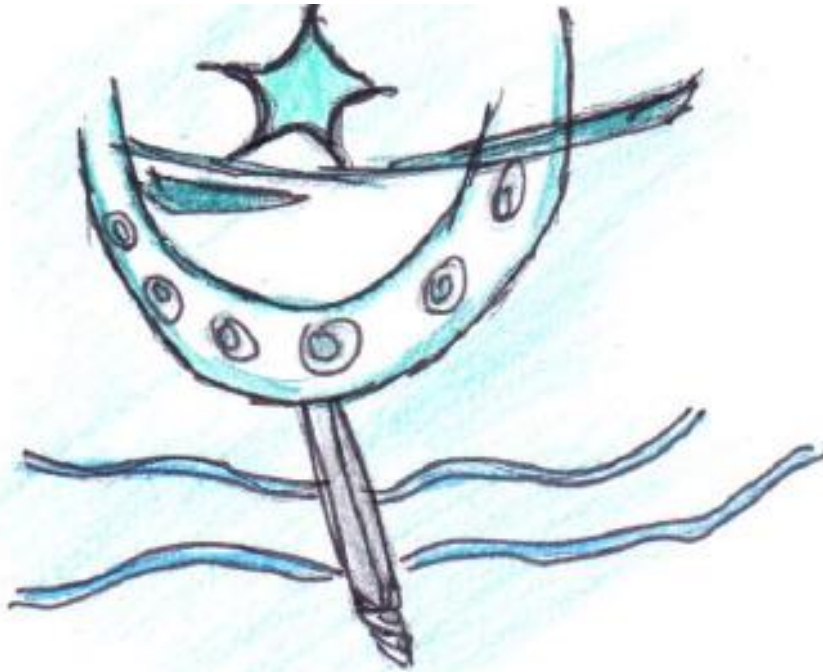


Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Amarelo

Ilustração 96: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Iemanjá
Localização: Praça dos Orixás
Material: Aço



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Azul

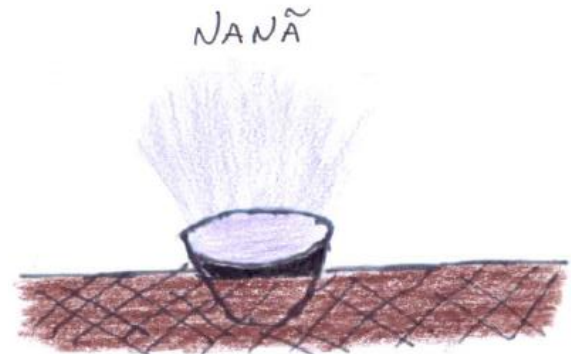
Ilustração 97: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Nanã
 Localização: Praça dos Orixás
 Material: Cerâmica de Barro



Croqui da Iluminação no Piso
 Cor da Luz: Roxa

Ilustração 98: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás

Autoria: Arquivo Pessoal





Croqui da Ferramenta de Oxalá
Localização: Praça dos Orixás
Material: Madeira



Croqui da Iluminação no Piso
Cor da Luz: Branca

Ilustração 99: Detalhe da Iluminação e das Ferramentas dos Orixás
Autoria: Arquivo Pessoal



- II. Climatização: deverá ser projetado ar condicionado nos ambientes de acordo com a NBR 16401 Instalações de ar-condicionado – Sistemas Centrais e Unitários de 2008, notadamente para salvaguarda dos acervos. Sobretudo, todos os ambientes possuem ventilação natural.

- III. Acústica: deverá ser projetado isolamento acústico no auditório, de acordo com as orientações da NBR 10152 Acústica – Níveis de Pressão Sonora em Ambientes Internos a Edificações de 2017. Sobretudo, o ambiente foi projetado com matérias que levam em consideração o isolamento acústico do local.



9.7. ACESSIBILIDADE

Todo projeto foi desenvolvido seguindo as orientações da NBR 9050 – Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos. Para tanto, foram instaladas plataformas elevatórias e rampas de acesso para vencer os desníveis encontrados no sítio pré-existente.

9.8. AÇÕES SUSTENTÁVEIS DE PROJETO

Pensando nas questões de valorização e preservação do meio ambiente e na racionalização dos recursos naturais, os ambientes foram projetados racionalizando recursos como água, energia dentre outros. Nesse contexto, foram instalados sensores de presença para o acendimento das luzes dos sanitários e circulações externas, poste de iluminação da praça com captação de energia solar, sensores de água nas torneiras dos sanitários e vestiários e descarga com duas válvulas, para cada



necessidade. Além de outros materiais e técnicas que deverão ser aplicadas na construção deste projeto com o intuito de preservar a sustentabilidade do ambiente e racionalizar seus recursos.

9.9. PROJETOS COMPLEMENTARES

Além dos projetos de luminotécnica, climatização e acústica fazem-se necessários projetos complementares de sinalização, instalações elétricas, instalações hidrossanitária, projeto estrutural, prevenção e combate a incêndio, seguindo recomendações de suas respectivas NBR's. Faz-se necessário também, projeto de iluminação pública na Ladeira do Ferrão.



9.10. PRÉ-DIMENSIONAMENTO DE USUÁRIOS

Através das instruções técnicas 11/2016 e NBR 9077 - Saída de emergência em edifícios, foi possível estimar que 632 pessoas utilizarão o Centro de Documentação e Memória dos Terreiros. Diante disso, deve seguir a instrução normativa 22/2016 que trata das distribuições de hidrantes e ou mangotinhos, no qual estabelece que estes equipamentos de verão estar instalados nas proximidades das portas externas, escadas e/ou acesso principal de cada edificação, a serem protegidos a não mais de cinco metros.



PRÉ – DIMENSIONAMENTO DE USUÁRIOS

Ambientes	M ²	Pessoas / M ²	Usuários
Memorial	96,08	1,5	145
Livraria / Café	---	---	30
Área Técnica	---	---	8
Auditório	---	---	65
Administrativo	---	---	8
Jardim	239,85	1,5	360
Segurança Patrimonial	---	---	8
Limpeza	---	---	8
Total De Usuários			632



9.11. PRÉ-DIMENSIONAMENTO DE RESERVATÓRIO

- I. Administração*: Para efeito de cálculo foram considerados o somatório de usuários da administração, segurança patrimonial e limpeza.
- II. Consumo diário: 2.985 litros.
- III. Dias de reserva: 3 dias (72 horas).
- IV. Total de reservatório (sem reserva de incêndio): 8.955 litros.
- V. Não haverá reservatório inferior devido a complexidade do local de sítio pré-existente, área de preservação cultural.
- VI. Instrução Técnica 22/2016, tabela 3: define a Reserva Técnica de Incêndio (RTI) com 12.000 litros.
- VII. Total de reservatório: 20.955 litros.
- VIII. Total de reservatório adotado: 21.000 litros.



PRÉ – DIMENSIONAMENTO DE RESERVATÓRIO

Ambientes	Consumo Diário	Usuários	Consumo Parcial (L)
Memorial	50 L	145	145
Café	25 L/Refeição	30	750
Auditório	2 L/Lugares	65	130
Área Técnica	50 L	8	400
Administrativo*	50 L	24	1.200
Jardim	1,0 L/M ²	360	360
Total De Consumo Diário			2.985



9.12. CROQUIS

AMBIENTAÇÃO – ESTUDO DOS PISOS

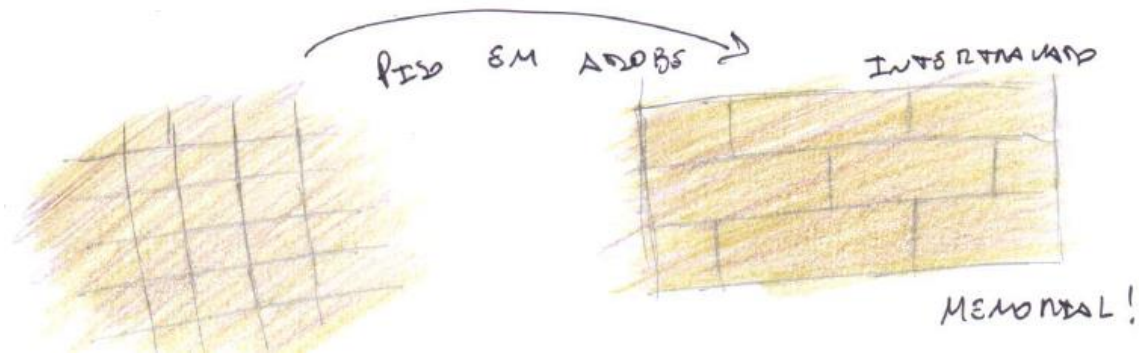
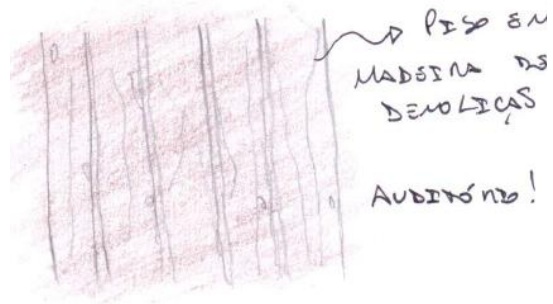
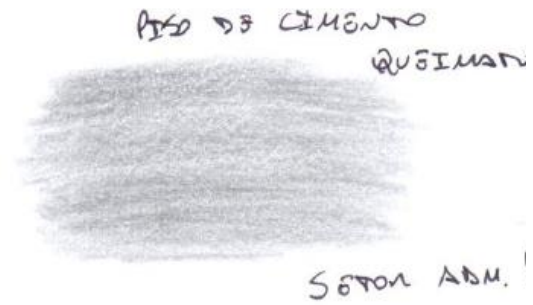
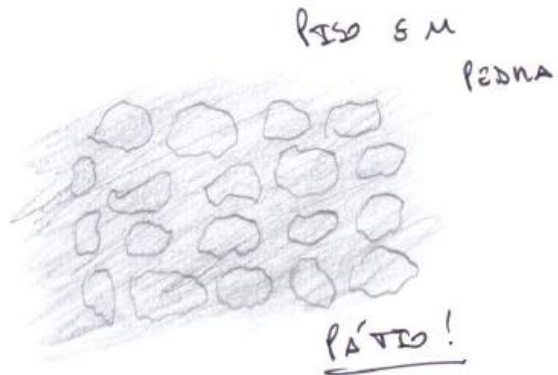


Ilustração 100: Estudo de Pisos

Autoria: Arquivo Pessoal



AMBIENTAÇÃO – ESTUDO DO MOBILIÁRIO DO MEMORIAL

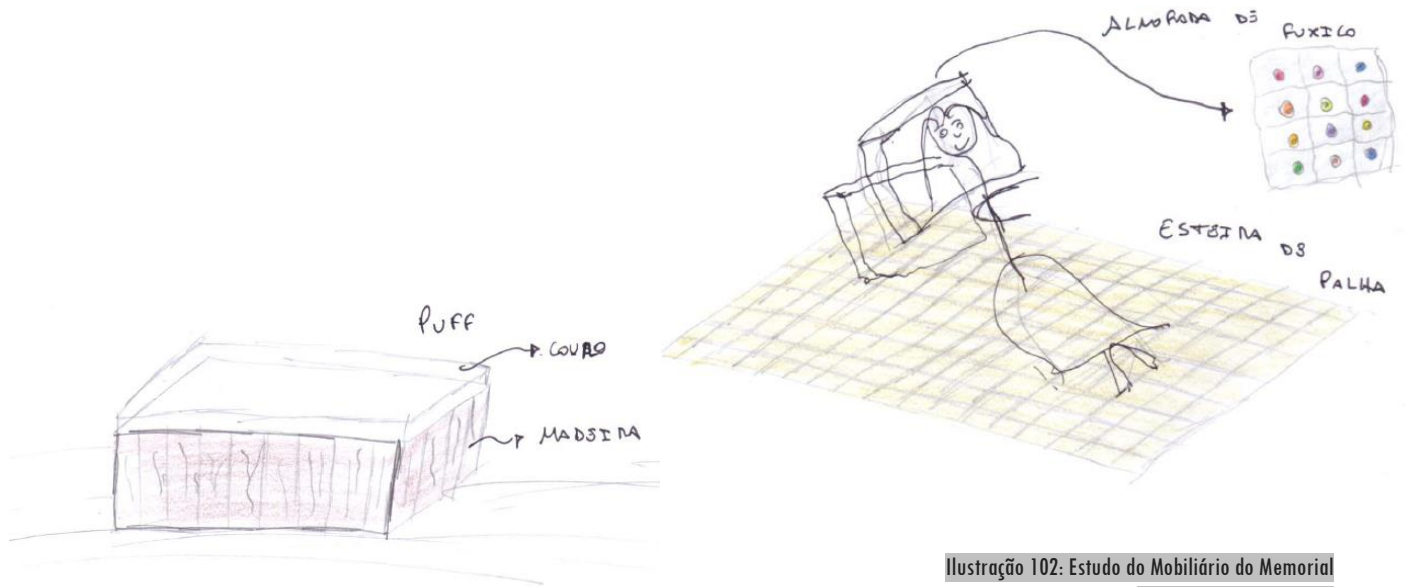


Ilustração 102: Estudo do Mobiliário do Memorial

Autoria: Arquivo Pessoal



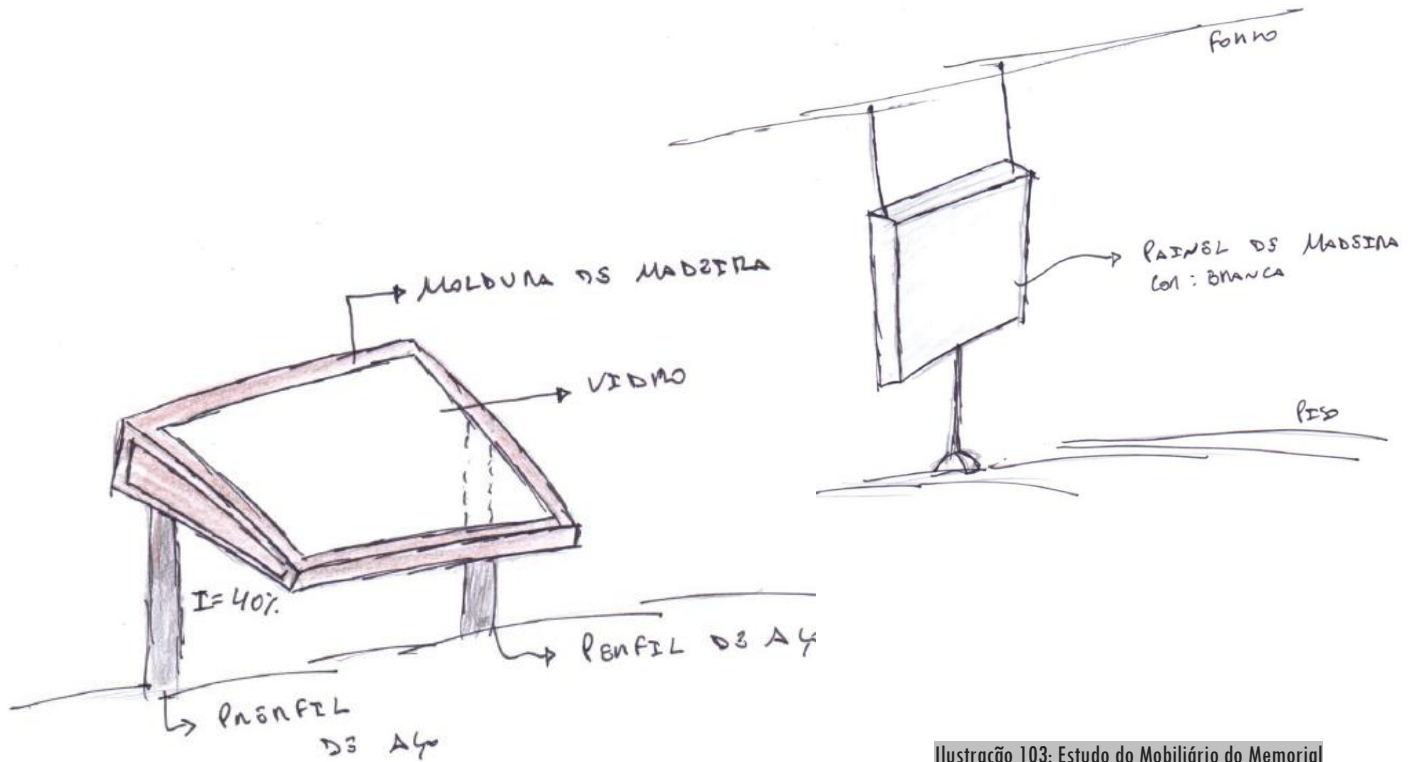


Ilustração 103: Estudo do Mobiliário do Memorial

Autoria: Arquivo Pessoal



9.13. PERSPECTIVAS

















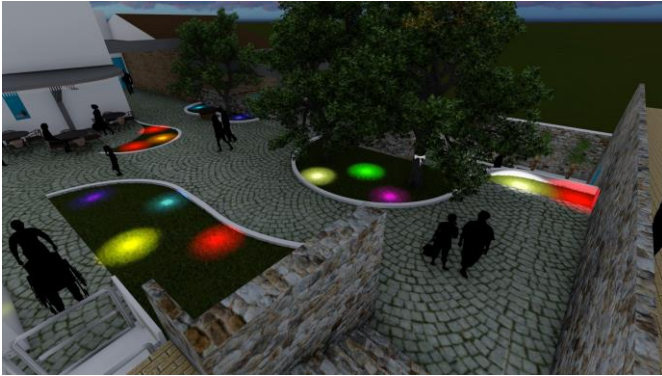














Fonte: <http://www.fashionbubbles.com>

REFERÊNCIAS

“Se choro, quando choro, é regar o capim que alimenta a vida, chorando eu refaço as nascentes que você secou.

Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio.

Eu ando de cara pra o vento na chuva, e quero me molhar.

O terço de Fátima e o cordão de Gandhi, cruzam o meu peito.

Sou como a haste fina, que qualquer brisa verga, nenhuma espada corta.

Não mexe comigo, que eu não ando só

Eu não ando só, que eu não ando só.

Não mexe comigo!”

Maria Bethânia — Carta de Amor



10. REFERÊNCIAS

A casa de Ósumaré. Disponível em: <<http://www.casadeoxumare.com.br/index.php/2015-07-12-20-45-13>>. Acesso em: 20 abril. 2018.

AMIN, Valéria (Org.) Águas do leste: um olhar sobre terreiros: mapeamento de comunidades religiosas de matriz africana da Bacia do Leste (BA). Ilhéus: Editus, 2013.

AMAFRO. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/1367>>. Acesso em: 17 maio. 2018.

AMAFRO. Disponível em: <<http://pelourinhodiaenoite.com.br/amafro/>>. Acesso em 17 maio. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9077: Saída de emergência em edifícios. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos. Rio de Janeiro.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 16401: Instalações de ar-condicionado – sistemas centrais e unitários. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10152: Níveis de pressão sonora em ambientes internos a edificações. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 5413: Instalações prediais de águas frias. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 5626: Instalações prediais de águas frias. Rio de Janeiro.

ARAÚJO, Sheila Sousa. A arquitetura iconográfica dos altares dos terreiros de Umbanda na em Caucaia e Fortaleza no Ceará: uma prática arte educadora multicultural. Fortaleza: PGEB – UFC, 2015. Dissertação de Mestrado.

BHETÂNIA, Maria. Carta de amor. Estúdio Biscoito Fino. São Paulo: RCA Victor, p1988. 1 disco sonoro (45 min), 33 1/3 rpm, estéreo., 12 pol.



BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração [Teoria del Restauro]. Tradução de KÜHL, Beatriz Mugayar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. Decreto - Lei Nº 8.167/2012. Dispõe sobre a Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo do Município de Salvador e dá outras providências. Câmara Municipal – Salvador/BA.

BRASIL. Decreto – Lei Nº 3.903/88 Código de Obras de Salvador. Institui normas relativas à execução de obras do Município do Salvador, alterando as Leis nºs 2.403/72 e 3.077/79 e dá outras providências. Câmara Municipal – Salvador/BA.

Caminho da reportagem. A Bahia de Verger. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PqknOGtjx3E>>. Acesso em: 8 junho. 2018.

Casa de Angola na Bahia. Disponível em: <<http://www.casadeangolanabahia.com.br/servicos.php>>. Acesso em: 9 de junho. 2018.

Casa do Benin. Disponível: <<http://www.pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/casa-do-benin/>> . Acesso em 9 maio. 2018.



Centro de Estudos Afro-Orientais. Disponível em: <<https://ceao.ufba.br/>>. Acesso em: 25 maio. 2018.

Casa de Vidro. Disponível em: <<http://www.institutobardi.com.br>>. Acesso em: 4 de junho. 2018.

D'OBALUAYÊ, Batista. O livro dos Orixás. Rio de Janeiro: Império da Cultura Ltda, 2002.

FANTINEL, Caroline. Arte no Espaço (Espaço Cultural Pierre Verger). 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S65IRkAq3Zk>>. Acesso em : 9 junho. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 3 .ed. rev. e atual. São Paulo: Fundação Dorina Nowill, 2010.

Fundação Pierre Verger. Disponível em: <<http://www.pierreverger.org/br>>. Acesso em: 19 junho. 2018.

Fundação Pedro Calmon. Disponível em :<<http://www.fpc.ba.gov.br/>>. Acesso em: 19 junho.2018.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Pierre Verger. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/pierre_verger/>. Acesso em: 19 abril. 2018.



Galeria da Arquitetura. Disponível em: <<https://www.galeriadaarquitetura.com.br>>. Acesso em: 9 junho. 2018.

GÓIS, Aurino José. A geografia religiosa dos terreiros de Candomblé de Contagem, Minas Gerais. Interações: Cultura e Comunidade, vol. 8, núm. 14, 2013, pp. 348-361/Ed: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Uberlândia, Minas Gerais.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

HOLLANDA, Lula Buarque de. Pierre Verger: mensageiro entre dois mundos. 1998. (82m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tlbomZeH_p4 > . Acesso em: 8 junho. 2018.

HONAISSER, Fernando Alves. Terreiros: memórias e ressignificações no espaço sagrado. Maceió: FAU-UFAL, 2006. Dissertação de Mestrado.

ILÉ ÌYÁ OMI ÀSÉ ÌÁMASE . Disponível em: <<http://terreirodogantois.com.br/index.php/o-terreiro/>>. Acesso em: 19 abril. 2018.



Iconografia dos Orixás, uma visão de Carybé. Disponível em: <<http://cultura-afro-artesvisuais.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 junho. 2018.

Instrução técnica 11/2016. Saída de emergência. Disponível em: <<http://www.bombeiros.go.gov.br>>. Acesso em 8 junho. 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA - IPAC

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARSTÍSTICO E CULTURAL NACIONAL - IPHAN

PROSEL. Manual da iluminação. Eletrobrás.2007. Disponível em: <http://www.mme.gov.br>. Acesso em: 27 junho. 2018.

Mapeamento dos Terreiros em Salvador. Disponível em:<<http://www.terreiros.ceao.ufba.br>>. Acesso em: 5 maio. 2018.

MÁXIMO, João. Entre amigos e Orixás, Amado, Caymmi, Carybé. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/cultura/entre-amigos-orixas-amado-caymmi-carybe-5618208>>. Acesso em: 27 junho. 2018.



MELO, Emerson . Dos Terreiros de Candomblé à Natureza Afro-Religiosa. Último Andar (PUCSP. Impresso) , v. XVI, p. 55-69, 2007.

Memorial da baiana de acarajé. Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/salvador/turismo/estabelecimento/memorial-da-baiana-de-acaraje>>. Acesso em: 18 maio. 2018.

Memorial das Baianas. Disponível em: <<http://pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/memorial-das-baianas/>>. Acesso em: 22 abril. 2018.

Museu casa do Benin. Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/salvador/arte/estabelecimento/museu-casa-do-benin>>. Acesso em: 18 maio. 2018.

NASCIMENTO, Iria da Silva Salles Nascimento. O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço urbano de Salvador nos séc. XIX e XX, 1989.

NEUFERT, Ernest. A arte de projetar em Arquitetura. 5 Ed. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 1900.



Notas de aula. Disciplina ARQ 506 – História e Teoria da Conservação e do Restauro, Prof. Odete Dourado. Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos – UFBA. Segundo semestre de 2014.

Kuhl, Beatriz Mugayar. Restauração de Hoje: Projeto e criatividade. Notas de Aula, 2017.

Portal Afroxé. História completa dos Orixás. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N9bDnMS1vpg>>. Acesso em: 10 junho. 2018.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PRANDI, Reginaldo. Ifá, o adivinho. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

PRANDI, Reginaldo. Xangô, o trovão. Companhia das Letrinhas, 2003.

REZENDE, Marcus Vinícius Buiati. A técnica dos deuses : a construção do corpo em um terreiro de candomblé Angola-Congo. Goiânia: Escola de Música e Artes Cênicas – UFG. Dissertação de Mestrado.



ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. Tensão moderno/popular em Lina Bo Bardi: nexos de arquitetura. *Arquitextos* 032, Texto Especial 165. São Paulo, Portal Vitruvius, jan. 2003 <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp165.asp>. Acesso em: 25 julho. 2008.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Arquitetura em transe*. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós – Brasília (1960 – 85). São Paulo: FAU – USP, 2007. Tese de Doutorado.

UNESCO (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=es&pg=00475>>. Acesso em: 5 junho. 2018.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas Africanas dos Orixás*. Ilustrações Carybé. Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. 4 Ed. Salvador: Corrupio, 1997.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração [Restauration]*; tradução de KÜHL, Beatriz Mugayar. Cotia, SP : Ateliê Editorial, 2006.



VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. Restauro [Restauração]; tradução de DOURADO, Odete. Salvador: Pretextos (V.1) /PPGAU-UFBA, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9077: Saída de emergência em edifícios. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 16401: Instalações de ar-condicionado – sistemas centrais e unitários. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10152: Níveis de pressão sonora em ambientes internos a edificações. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 5413: Instalações prediais de águas frias. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 5626: Instalações prediais de águas frias. Rio de Janeiro.

